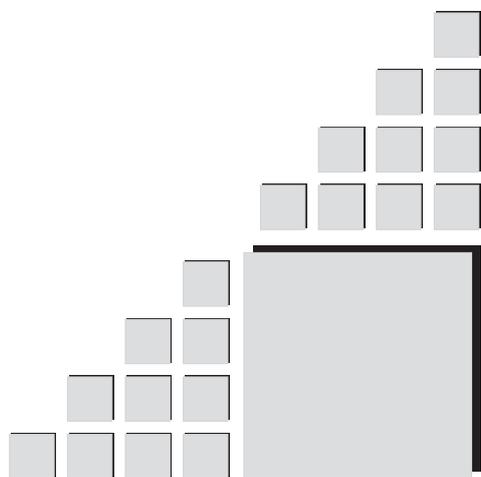


GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO - SEP
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES - IJSN

PANORAMA ECONÔMICO

Espírito Santo I Trimestre 2010



JUNHO 2010

Sumário Executivo

O ano de 2010 teve seu início marcado pelo temor de uma nova crise em escala mundial, em moldes semelhantes àquela iniciada em finais de 2007 no mercado imobiliário norte-americano. A origem dessa nova crise ocorreu no continente europeu, a partir da Grécia, que vem enfrentando significativos problemas relacionados a sua capacidade de honrar dívidas assumidas previamente.

De fato, a principal dificuldade relacionada à crise grega diz respeito à possibilidade de que problemas mais graves estejam ocorrendo em um maior número de países europeus. Este parece ser o caso de Portugal, Irlanda, Itália e Espanha, um bloco que passou a ser denominado de PIIGS, no período recente. Especificamente, a possibilidade de que uma crise de magnitude inicialmente pequena viesse a assumir uma proporção equivalente a uma crise sistêmica poderia resultar em uma redução no volume de crédito negociado entre bancos europeus. Por sua vez, a efetivação de um cenário nesses moldes teria conseqüências extremamente adversas sobre a economia mundial.

Nesse sentido, vale notar que, embora o Fundo Monetário Internacional (FMI) tenha agido bem ao sinalizar um pacote de auxílio à Grécia, a ajuda tardou a chegar a esse país. A falta de coordenação entre os países membros da União Européia (UE), com ênfase nas decisões vindas da Alemanha, sinalizou, em última instância, a necessidade de um novo desenho institucional para esse bloco, uma vez que a agilidade das ações de política econômica em momentos como esse constituem aspecto fundamental das respostas a um possível período de crise.

Segundo o economista e historiador Barry Eichengreen, da Universidade da Califórnia em Berkeley, a instauração de uma moeda comum para o grupo de países que compõem a comunidade européia equivale a um grande desafio em termos de coordenação de políticas macroeconômicas. Segundo esse economista, há significativos custos políticos e econômicos relacionados ao abandono dessa moeda comum por parte de qualquer um dos países pertencentes à UE. De fato, a decisão de um país de se juntar a esse bloco assume um caráter praticamente irreversível ao longo do tempo, uma vez que sua posterior saída poderia causar uma profunda crise de confiança na Europa, despertando uma corrida bancária de proporções continentais¹. Em relação à recente crise que assola a Grécia, Eichengreen acredita que ocorreram falhas de

¹ EICHENGREEN, B. The euro: love it or leave it? *Vox*, 4 May 2010 (Disponível em: <http://www.voxeu.org/index.php?q=node/729>).

coordenação no resgate a esse país, o que piorou consideravelmente sua situação no curto prazo. Ainda assim, o autor ressalta que, tomadas certas providências, ainda parece possível evitar que os efeitos adversos iniciados na economia grega se espalhem pelos demais países do continente².

Em termos gerais, a grande maioria dos países pertencentes à UE registrou baixas taxas de crescimento ao longo do primeiro trimestre de 2010. Enquanto a Zona do Euro cresceu +0,2% na comparação do primeiro trimestre com o trimestre imediatamente anterior, houve certa discrepância entre países. Assim, alguns países registraram taxas positivas de crescimento, conforme é o caso de Portugal (+1,0%), Hungria (+0,9%), Eslováquia (+0,8%) e Itália (+0,5%); ao passo que outros registraram taxas negativas, conforme atestam os casos de Lituânia (-4,1%), Estônia (-2,3%) e Grécia (-0,8%).

Em meio a esse contexto, a economia dos Estados Unidos vem apresentando um padrão de recuperação em relação aos níveis em que se encontrava durante o ano de 2009. Entre o quarto trimestre de 2009 e o primeiro trimestre de 2010, essa economia apresentou um crescimento de +3,2%, de acordo com a última edição do relatório *Global Data Watch*³. Em particular, nota-se a ocorrência de um lento processo de recuperação, persistindo ainda altas taxas de desemprego e de inadimplência (ambas em torno de 10%) nesse país⁴. Por outro lado, tem ocorrido uma melhora em alguns indicadores de atividade, conforme é o caso dos índices de confiança ao consumidor e de encomendas à indústria, embora ambos ainda se apresentem em um patamar nitidamente inferior àqueles que vigoravam no período pré-crise. Uma vantagem associada à lenta velocidade de recuperação dessa e de outras economias desenvolvidas equivale ao fato de que a taxa de inflação global tende a ficar em um patamar baixo.

A economia chinesa continua registrando taxas robustas de crescimento: na comparação do primeiro trimestre de 2010 com o mesmo período do ano passado, essa economia registrou uma taxa de crescimento de +11,9%, um resultado nitidamente acima da maioria das economias da atualidade. Quando da comparação entre o primeiro trimestre de 2010 e o quarto trimestre de 2009, esse país registrou um resultado ainda melhor, com um crescimento de +13,1% na margem. A moeda desse país (*Yuan*) continua desvalorizada, o que tende a beneficiar suas exportações, tornando-as mais competitivas. Por outro lado, resultados referentes ao grau de confiança do consumidor demonstram que essa variável ainda não se encontra no nível onde se encontrava ao longo do triênio 2006-2008. Esses bons resultados devem-se principalmente à instauração de programas governamentais de estímulo à economia, o que tem gerado considerável aumento dos gastos do governo, assim como do volume de empréstimos entre bancos estatais. Ao mesmo tempo em que os resultados demonstram a força da China como potência econômica, também geram preocupações no sentido de que essa economia possa estar superaquecida, o que talvez torne necessária a instauração de medidas destinadas a refrear esse crescimento recente.

² EICHENGREEN, B. It is not too late for Europe. *Vox*, 7 May 2010 (Disponível em: <http://www.voxeu.org/index.php?q=node/5019>).

³ GLOBAL DATA WATCH, J.P. MORGAN, April 30, 2010.

⁴ Apresentação da *Rosenberg e Associados*, proferida durante o Encontro do Grupo Permanente de Acompanhamento Empresarial do Espírito Santo (GPAE) (Disponível em: http://www.vieiraerosenberg.com.br/arquivos/ppt/ApresentacaoDirceu_28_04_10.ppt).

Apesar da trajetória conturbada nos últimos trimestres, a economia japonesa também mostra sinais de recuperação. Ao longo do primeiro trimestre de 2010, registrou aumento de +1,2% no Produto Interno Bruto (PIB), na comparação com o quarto trimestre de 2009, com uma variação acumulada de +4,9% nos últimos 12 meses, o que consolida esse período como o quarto trimestre consecutivo de crescimento no país. Esse crescimento tem sido ancorado não apenas na melhora da demanda doméstica japonesa, mas também no desempenho exportador dessa economia, com ênfase nos destinos relacionados a outros países asiáticos, como a China, por exemplo. Outra evidência favorável nesse sentido equivale ao fato de que a última edição do relatório *Global Data Watch* cita a ocorrência de duas revisões das estimativas de crescimento para o país em menos de um mês. De fato, começa a se formar um consenso entre analistas acerca do crescimento robusto da maior parte dos países da Ásia, assim como da necessidade de políticas econômicas mais restritivas não apenas na China, mas no continente como um todo.

O Brasil continua bem-posicionado em meio ao contexto internacional citado acima. Por exemplo, dados referentes ao comércio exterior apontam para saldos positivos da balança comercial (exportações menos importações). Ao longo dos meses de fevereiro e março de 2010, foram registrados saldos de US\$ 393 milhões e US\$ 668 milhões, respectivamente. Apesar desses resultados, ainda há a possibilidade de reversão, especialmente por conta da expansão do nível de atividade, o que pode vir a estimular um maior aumento das importações em relação às exportações, uma vez que as primeiras estão diretamente relacionadas à evolução da renda doméstica. Adicionalmente, um fator que pode vir a atuar no sentido de aumentar o volume de importações do país equivale ao aumento do volume de dólares que entram atualmente na economia brasileira, o que tende a desvalorizar a moeda americana, barateando importações e encarecendo exportações. Por sua vez, dados relacionados a expectativas e ao grau de confiança de consumidores e produtores demonstram que a economia brasileira parece ter saído da “zona de pessimismo” em que se encontrava nos últimos trimestres (ver seção de Expectativas do *Panorama*).

Em termos de nível de atividade, a economia brasileira também registrou resultados expressivos. Dados oriundos de uma análise da *Serasa Experian* demonstram que, durante o mês de março, o indicador de PIB mensal calculado por essa empresa apresentou uma taxa de crescimento de +9,3% na comparação com o mesmo mês do ano passado, a maior taxa anual de expansão ocorrida desde o ano de 1995⁵. Ao longo do primeiro trimestre de 2010, ocorreu um aumento de +2,8% no PIB em relação ao trimestre anterior e um aumento de +11,7% em relação ao mesmo período do ano passado⁶. A indústria também apresentou bons resultados no período: no caso de comparações interanuais, referentes ao primeiro trimestre e ao mês de março de 2010, o índice de produção industrial (Indústria Geral) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou aumentos de +18,1% e +19,7%, respectivamente. Segundo o IBGE, esses bons resultados devem-

⁵ A *Serasa Experian* divulga o *Indicador Serasa de Atividade Econômica* (PIB mensal), com a série histórica desse indicador tendo origem no mês de janeiro de 1991.

⁶ Economia brasileira cresceu 9,3% em março, indica Serasa. *Valor online*. 24/05/2010 (Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2010/05/24/economia-brasileira-cresceu-9-3-em-marco-indica-serasa-916668634.asp>).

se não apenas à baixa base de comparação (início do ano de 2009), mas também devido ao bom desempenho da grande maioria das atividades que compõem a indústria nacional (25 de um total de 27), com destaque para o setor automotivo, que exerceu maior pressão sobre o desempenho do índice geral.

No que se refere à taxa de inflação em nível nacional, já é possível notar a ocorrência de pressões advindas de aumentos recentes nos preços de *commodities* (especialmente as metálicas), assim como da retomada do nível de atividade, o que culminou com aumentos no Índice Geral de Preços (IGP) e no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) na passagem do quarto trimestre de 2009 para o primeiro trimestre de 2010. Por conta disso, a Autoridade Monetária Nacional, o Banco Central (Bacen) acabou sinalizando na direção de contenção desse surto, a partir da decisão de aumento da taxa básica de juros em 0,75 ponto percentual (p.p.) na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM).

No primeiro trimestre de 2010, o estado do Espírito Santo também apresentou bons resultados econômicos, provavelmente decorrentes da recuperação da economia mundial. Nesse sentido, pôde-se notar ao longo desse período a ocorrência de um saldo positivo na balança comercial, assim como um processo de recomposição dos principais parceiros comerciais do Estado.

Especificamente, os Estados Unidos voltaram a assumir o primeiro lugar no *ranking* dos principais destinos das exportações estaduais, resultado impulsionado principalmente pelas exportações no setor de *Petróleo e Gás*⁷. Os principais destinos dessas exportações foram os Estados Unidos e Canadá, com a grande maioria dos volumes exportados estando direcionados ao primeiro país, basicamente (parcela de 82%, de acordo com dados do MDIC)⁸. Embora ainda pareça cedo para se chegar a um diagnóstico preciso acerca do perfil dessas exportações (ou seja, se estas equivalem a um fenômeno de curto ou longo prazo), os resultados obtidos demonstram não apenas um padrão de revigoração da economia local como também a crescente importância do setor de petróleo e gás para o Estado, fato traduzido a partir do considerável aumento das exportações registrado no período, conforme citado acima.

A Holanda, que representa a Europa, por intermédio do porto de Rotterdam como entreposto comercial nesse continente, também aumentou sua participação como importante destino das exportações, registrando um aumento de aproximadamente +27% entre o quarto trimestre de 2009 e o primeiro trimestre de 2010. A China, por sua vez, manteve um padrão praticamente estável em termos do volume de exportações destinado a esse país, o que demonstra acomodação no processo de crescimento de seu nível de atividade⁹.

⁷ TOSCANO, V.N.; MAGALHÃES, M.A. Comércio Exterior – Janeiro/10. *Resenha de Conjuntura* n.33, IJSN, abr.2010 (Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/478_2010-33.pdf).

⁸ A título de informação, vale registrar que, ao longo do mês de abril de 2010, a Holanda aparece como o principal destino das exportações de petróleo do Estado (participação de 57%), com os Estados Unidos aparecendo em segundo lugar (participação de 43%).

⁹ TOSCANO, V.N.; MAGALHÃES, M.A. *Boletim de Comércio Exterior* – Espírito Santo 2º semestre 2009. IJSN, mar.2010 (Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/443_Comex.pdf).

Uma questão importante que pode emergir no presente contexto relaciona-se à possibilidade de contágio da crise iniciada na Grécia sobre o estado do Espírito Santo. Neste sentido, há duas possibilidades básicas. Primeiramente, em relação à economia grega propriamente dita, há uma baixa probabilidade de impacto sobre o Estado, uma vez que esse país não é um dos principais parceiros comerciais do Espírito Santo no momento. A Tabela 1 apresenta os principais parceiros do Estado ao longo do primeiro trimestre de 2010 (dados em US\$ milhões), assim como suas respectivas participações na pauta de exportações estadual.

**Tabela 1 - Destinos das Exportações do Espírito Santo para Países Selecionados
US\$ Milhões e Participação no Total Exportado - 2010 T1**

Países	Part. %	Exportação (US\$ milhões)	Posição no Ranking
EUA	18,59	422,79	1º
Holanda	11,62	264,27	2º
China	11,15	253,62	3º
Outros Países	58,47	1.329,96	
Grécia	0,17	3,97	36º
Total	100,00	2.274,61	Total

Elaboração: Rede de Estudos Macroeconômicos (MACRO)/CEE - IJSN.

Os resultados reportados na tabela demonstram que a participação da Grécia na pauta de exportações local equivale a menos de 1% do total. Nesse sentido, parece pouco provável que turbulências ali iniciadas venham a ter conseqüências diretas sobre a economia local. Atualmente, esse país ocupa a 36ª posição no *ranking* de parceiros comerciais do Estado. Por outro lado, uma fonte potencial de instabilidade provém do mercado europeu como um todo, uma vez que, caso a crise se espalhe por outras economias da Europa, há de fato a possibilidade de ocorrência de efeitos adversos sobre a economia espírito-santense, dada a importância relativa desse continente para as exportações do Estado. Conforme ilustrado acima, a Holanda figura como um dos três principais parceiros comerciais do Espírito Santo na atualidade.

Em relação às grandes empresas locais, vale destacar alguns dos resultados reportados no último boletim da *Vale*. De acordo com os dados divulgados por essa empresa, ocorreu, ao longo do primeiro trimestre de 2010, um significativo aumento na demanda internacional por minérios e metais, o que fez com que seu lucro líquido aumentasse cerca de +18% na comparação entre o primeiro trimestre de 2010 e o mesmo período do ano de 2009, passando de US\$ 1,36 bilhões para US\$ 1,6 bilhões¹⁰. Outro dado importante oriundo dessa fonte equivale ao fato de que, ao longo do período recente de recuperação (2008/2009), os preços de metais registraram aumentos significativamente superiores àqueles ocorridos ao longo dos últimos 40 anos¹¹. Esse resultado demonstra, em última instância, a importância dos preços de *commodities* (especialmente

¹⁰ *Relatório da Vale* – 1º trimestre de 2010 (Disponível em: http://www.vale.com/vale/media/vale_usgaap_1T10p.pdf).

¹¹ *Os preços do minério de ferro segundo o diretor da Vale*. (Disponível em: http://www.brasileconomico.com.br/noticias/os-precos-do-minerio-de-ferro-segundo-o-diretor-da-vale_80129.html).

metálicas) para o desempenho da economia brasileira, assim como para a economia estadual, em consonância com resultados divulgados anteriormente neste *Panorama*¹².

Em particular, vale à pena notar que o estado do Espírito Santo tende, em média, a sentir de forma mais pronunciada os impactos de oscilações em preços de *commodities* do que o Brasil, especialmente no curto prazo. A Tabela 2 confirma esse padrão, ao reportar resultados relacionados a um exercício de decomposição da variância, que busca verificar a importância relativa de choques nos preços de *commodities* sobre índices de produção industrial do Brasil e do Espírito Santo. Para tanto, são considerados distintos horizontes de tempo (1, 4, 12 e 24 trimestres), de forma a se verificar a ocorrência de eventuais diferenças em termos de horizonte temporal:

Tabela 2 - Efeitos de Variações nos Preços de Commodities sobre o Nível de Atividade - Brasil e Espírito Santo, 1998:01/2009:03 (dados trimestrais)

Período	Decomposição da Variância		(2)/(1)
	Brasil (1)	Espírito Santo (2)	
1	26,99	47,38	1,76
4	59,71	69,47	1,16
12	61,79	68,77	1,11
24	61,82	68,77	1,12

Fonte: MAGALHÃES, M.A. Preços de Commodities e Nível de Atividade no Espírito Santo: um estudo econométrico. *Texto para Discussão n.13*, IJSN, jun.2010, 38p.

De acordo com os resultados expostos acima, é possível constatar que o Estado tende a sentir o impacto de variações em preços de *commodities* de forma mais pronunciada do que o País. Por exemplo, ao longo de um período de 24 trimestres (6 anos), os impactos no Espírito Santo equivalem a 1,12 vezes os impactos no Brasil¹³. Especificamente, vale notar que os impactos no Estado são nitidamente mais fortes no caso de um curto horizonte de tempo (1 trimestre), onde a diferença entre magnitudes chega a 1,76 vezes¹⁴.

Ao longo dos últimos 12 meses, o Espírito Santo vem apresentando um padrão robusto de recuperação, resultado evidenciado principalmente a partir do desempenho do índice de produção industrial. Na comparação com o primeiro trimestre de 2009, o Estado registrou o melhor desempenho no País ao longo do primeiro trimestre de 2010, com uma taxa de variação de +44,1%, nitidamente superior ao segundo colocado no *ranking*, o estado do Amazonas (+32,3%), assim como ao Brasil como um todo (+18,1%). Adicionalmente, resultados referentes ao indicador trimestral de PIB do Espírito Santo, calculado pelo IJSN¹⁵, confirmam esse padrão até o quarto trimestre de 2009 (último dado disponível). De acordo com esses resultados, o Estado vem apresentando taxas de crescimento positivas nas comparações referentes a curtos períodos de tempo: por exemplo, na comparação entre trimestres consecutivos, após ajuste sazonal foi registrado aumento de +5,1% (o Brasil cresceu apenas +2,0% ao longo do mesmo período de comparação).

¹² PANORAMA ECONÔMICO - Espírito Santo IV trimestre de 2009. IJSN, fev.2010, 30p. (Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/394_pe5.pdf).

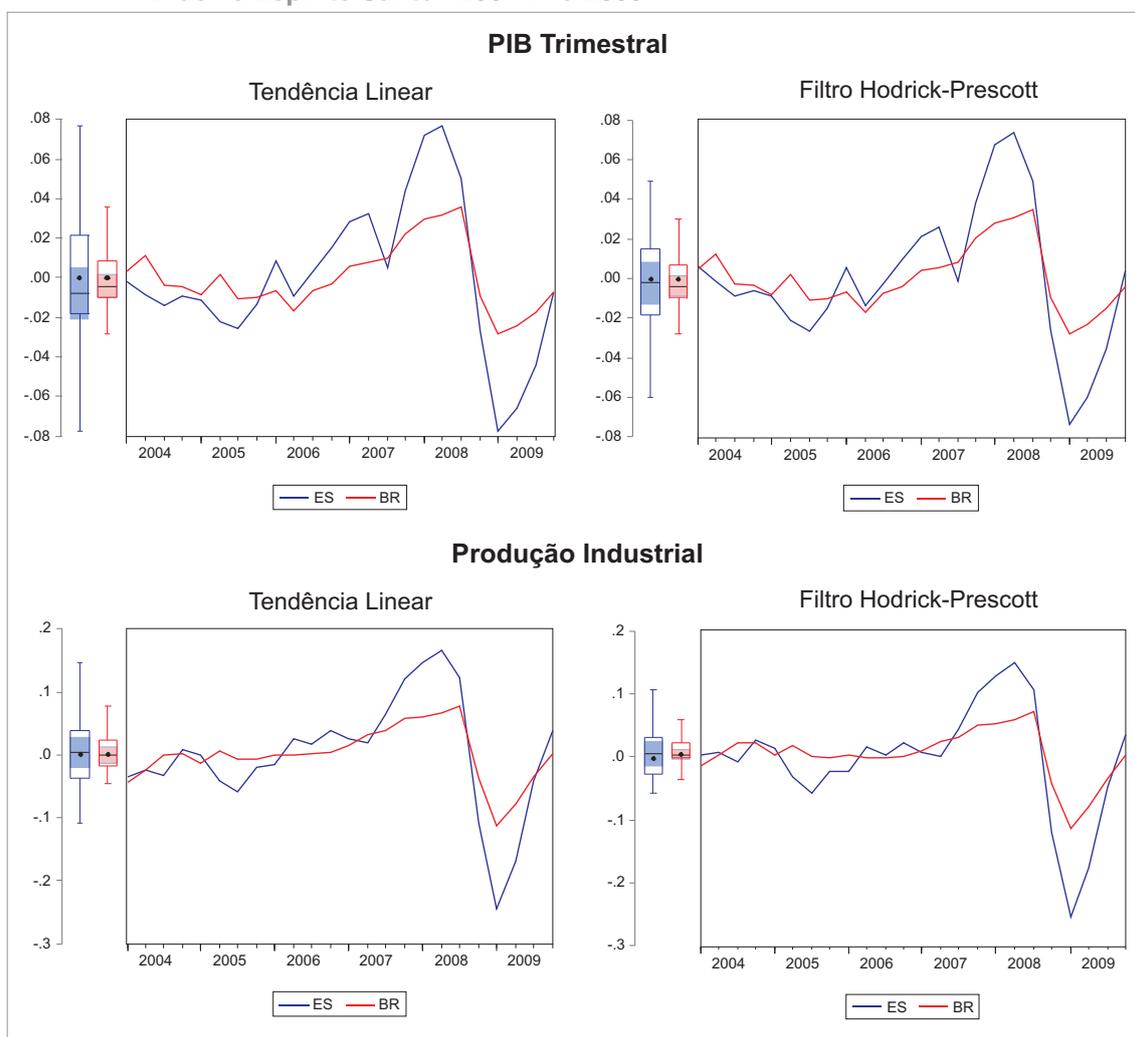
¹³ Os resultados desse experimento são virtualmente os mesmos no caso de horizontes correspondentes a 36, 48 e 60 trimestres.

¹⁴ MAGALHÃES, M.A. Preços de Commodities e Nível de Atividade no Espírito Santo: um estudo econométrico. *Texto para Discussão n. 13*, IJSN, jun.2010, 38p. (Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/macroeconomia/td-13-precos-de-commodities-e-nivel-de-atividade-no-espírito-santo-um-estudo-econometrico>).

¹⁵ TOSCANO, V.N.; BAIOTTO, M.A.; MAGALHÃES, M.A. *Indicador trimestral de PIB do Espírito Santo* – IV trimestre de 2009. IJSN, mai.2010, 10p.

O Gráfico 1 e a Tabela 3 confirmam o bom resultado relativo da economia estadual. No caso do gráfico, são expostas as trajetórias do hiato do produto (diferença entre o produto efetivo e o produto potencial da economia) para índices de produção industrial do Brasil e do Espírito Santo ao longo do período 2004:01/2009:04 (dados trimestrais). O gráfico abaixo expõe resultados referentes ao PIB trimestral e ao índice de produção industrial, tanto no caso do Brasil (em vermelho) quanto no caso do Espírito Santo (em azul). Uma vez que existem métodos alternativos de construção do hiato do produto, os gráficos à esquerda equivalem a estimativas obtidas a partir da extração de uma tendência linear das séries analisadas, ao passo que os gráficos à direita equivalem a estimativas obtidas a partir do filtro Hodrick-Prescott¹⁶.

**Gráfico 1 - Hiato do Produto - Diferentes Metodologias
Brasil e Espírito Santo - 2004 T1 a 2009 T4**



Elaboração: Rede de Estudos Macroeconômicos (MACRO)/CEE - IJSN.

¹⁶ Hiato do produto – atualização e aperfeiçoamentos. *Relatório de Inflação do Banco Central do Brasil*, Mar.2010, 4p. (Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2010/03/ri201003b7p.pdf>).

Basicamente, o hiato do produto equivale à "distância" entre a produção corrente de uma economia e o nível de produção que poderia ser obtido caso todos os fatores de produção (trabalho e capital) fossem plenamente utilizados. Em termos gerais, quanto mais próxima uma economia estiver de seu produto potencial (ou seja, quanto menor o hiato), melhor utilizados estarão os fatores de produção, com esse resultado sendo, em geral, eficiente em termos econômicos.

Os resultados gráficos obtidos demonstram que o hiato do produto apresenta um padrão mais volátil no caso estadual do que no caso nacional, fato confirmado pelos diagramas *Boxplot* dispostos ao lado de cada gráfico (de maior magnitude no caso estadual do que no caso nacional) e em consonância com padrões cíclicos do Espírito Santo previamente reportados¹⁷.

A Tabela 3 contém estimativas da distância entre produto efetivo e produto potencial, tanto no caso do PIB quanto no caso do índice de produção industrial do Espírito Santo e do Brasil, considerando as duas metodologias alternativas de construção do hiato. A terceira coluna da tabela reporta estimativas de distância durante o primeiro trimestre do ano de 2009, enquanto que a quarta coluna faz referência ao quarto trimestre do mesmo ano. A quinta coluna, por sua vez, apresenta a diferença entre essas estimativas, expressa em pontos percentuais (p.p.). Basicamente, essa coluna busca comparar a velocidade de recuperação das economias estadual e nacional.

Tabela 3 - Hiato do Produto - Diferentes Métodos de Cálculo - 2009 T1 e 2009 T4

Indicador	Método		Distância entre o produto potencial		Diferença (p.p.)
			2009 T1 (auge da crise)	2009 T4	
PIB	Tend.	ES	-7,73%	-0,72%	7,00
	Linear	BR	-2,85%	-0,72%	2,12
	HP	ES	-7,38%	0,37%	7,75
		BR	-2,77%	-0,40%	2,37
Produção Industrial	Tend.	ES	-26,86%	0,00%	26,86
	Linear	BR	-11,08%	-0,18%	10,90
	HP	ES	-25,38%	3,47%	28,86
		BR	-11,40%	0,32%	11,72

Elaboração: Rede de Estudos Macroeconômicos (MACRO)/CEE - IJSN.

¹⁷ MAGALHÃES, M.A.; RIBEIRO, A.P.L. Ciclos de negócios no Espírito Santo. *Texto para Discussão n.09*, IJSN, nov.2009, 38p. (Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/304_td-09.pdf).

Os resultados reportados na tabela permitem constatar que, independentemente da medida e/ou metodologia consideradas, a economia espírito-santense encontrava-se a uma distância nitidamente maior de seu produto potencial durante o auge da crise (primeiro trimestre de 2009) do que a economia brasileira. As diferenças reportadas na última coluna da tabela demonstram que o Estado tende a apresentar uma maior velocidade de recuperação em direção a seu produto potencial em comparação ao País, com a economia local estando nitidamente mais aquecida do que a nacional.

Esse padrão de aquecimento pode estar relacionado a duas causas básicas: ocorrência de um excesso de demanda agregada ou aumento da capacidade instalada da economia. Enquanto a primeira causa pode ocorrer a partir de distintos canais (a serem descritos abaixo), a segunda causa está relacionada à possibilidade de aumento da capacidade de produção das firmas locais, assim como um melhor aproveitamento da capacidade ociosa existente. Nesse sentido, os resultados obtidos apontam não apenas para uma expansão da produção local, como também para um uso mais eficiente dos recursos disponíveis. Em última instância, os resultados obtidos a partir do exercício empírico supracitado demonstram que o Estado possui uma velocidade de recuperação de seu nível de atividade superior à velocidade do País.

Bons resultados relacionados ao nível de atividade acabam sendo refletidos no mercado de trabalho estadual, ainda que de maneira defasada. Por conta disso, notou-se também um padrão de recuperação desse mercado, tanto no caso do emprego formal quanto no caso do emprego industrial. Em relação ao emprego formal, apesar do Estado ter registrado um desempenho relativamente estável, em consonância com padrões sazonais do emprego, vale ressaltar que o resultado referente ao primeiro trimestre de 2010, equivalente à geração de +21.001 postos de trabalho foi significativamente superior ao resultado registrado para o mesmo período do ano de 2009, quando ocorreu a geração de +1.143 postos, apenas (aumento de quase 20 vezes). Em relação ao emprego na indústria, ocorreu a continuidade de um ciclo de expansão iniciado ainda no quarto trimestre de 2009. Mais uma vez, a comparação do desempenho estadual com o nacional demonstra maiores ganhos relativos em termos locais (aumento de +4,7% no número de trabalhadores ocupados na indústria contra aumento de +1,8% no Brasil).

Os resultados referentes ao emprego na indústria acabaram por afetar a produtividade industrial do Estado (índice calculado como a razão entre os índices de produção industrial e horas pagas na indústria). No caso desse indicador, nota-se que o Estado continua apresentando um desempenho superior em relação ao País há quase uma década, resultado dos ganhos de produtividade ainda existentes para a indústria estadual. Por outro lado, o comportamento dessa variável reflete uma importante regularidade empírica do Estado, uma vez que tanto a produção industrial quanto a produtividade costumam crescer acima da média nacional durante períodos de expansão, ao mesmo tempo em que caem abaixo da média ao longo de períodos recessivos¹⁸.

¹⁸ VESCOVI, A.P.V.J. *A crise internacional e a economia capixaba*. IJSN, mimeo., jun.2010, 5p.

Outra consequência da recuperação do nível de atividade na economia local equivale ao aquecimento de seu mercado interno. Nesse sentido, dados referentes ao comércio varejista local demonstram que importantes setores como aqueles referentes a hipermercados e supermercados, assim como as vendas de veículos automotores vêm desempenhando papel relevante nesse processo de retomada do crescimento. Esses resultados devem-se não apenas ao processo de expansão do nível de atividade propriamente dito, sendo também uma consequência de medidas governamentais de estímulo à demanda interna, tomadas em âmbito nacional.

Interessante notar que, ao mesmo tempo em que políticas governamentais exercem nítidos efeitos sobre a economia, o padrão inverso também tende a ocorrer. Assim, ao longo do primeiro trimestre de 2010, observou-se um aumento na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) em resposta à retomada do nível de atividade. Em particular, na comparação do primeiro trimestre deste ano com o mesmo período do ano passado, ocorreu uma recuperação das receitas estaduais (aumento de +8,9%), impulsionada não apenas pelo aumento de arrecadação do ICMS (+11,5%), mas também por um significativo aumento no recebimento de *royalties* e participações especiais (+47,3%). Em particular, os recursos advindos das receitas de *royalties*, empregados no Fundo estadual para Redução das Desigualdades Regionais (FRDR), apresentaram crescimento superior a +40% ao longo do primeiro trimestre.

Passado o primeiro trimestre do ano de 2010, observa-se um cenário internacional onde ocorre lenta recuperação nas economias desenvolvidas, embora esse padrão ainda esteja sujeito a recaídas, conforme atesta a situação atual de parte dos países europeus. Nesse contexto, o Brasil encontra-se em uma posição relativamente privilegiada, exibindo um padrão de recuperação mais robusto do que países europeus e os Estados Unidos. O estado do Espírito Santo, por sua vez, apresenta um grande potencial de crescimento, dado seu alto grau de abertura ao comércio exterior, assim como o maior impacto relativo de variações em preços de *commodities* em nível local. Caso ocorra um crescimento em escala nacional, o Estado possui alguns dos ingredientes necessários a um processo de recuperação sustentada ao longo do presente ano.

Instituto Jones dos Santos Neves

Coordenação Geral

Ana Paula Vitali Janes Vescovi
Diretora-presidente

Coordenação de Estudos Econômicos

Matheus Albergaria de Magalhães

Equipe Técnica

Anna Claudia Aquino dos Santos Pela
Jessica Siqueira Rangel
Josiene Freire Rocha
Jussara Maria Chiappane
Matheus Albergaria de Magalhães
Roberto Paula de Freitas Campos
Victor Nunes Toscano

Editoração

João Vitor André

Revisão

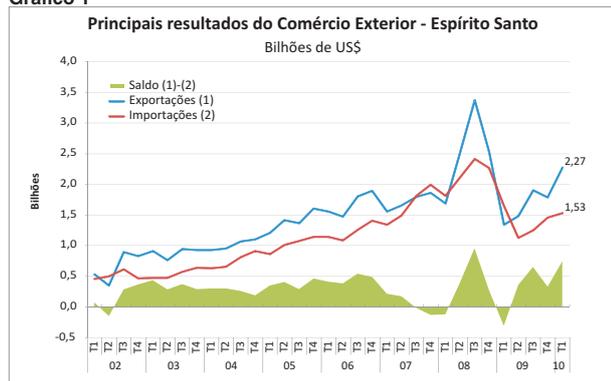
Manoela Baiocco Andrade
Matheus Albergaria de Magalhães
Nádia Delarmelina
Victor Nunes Toscano

Índice

Comércio Exterior	13
Produção Industrial	15
Mercado de Trabalho	16
Produtividade Industrial	19
Consumo e Investimentos	21
Preços	23
Política Monetária e Creditícia	25
Finanças Estaduais	26
Expectativas	28

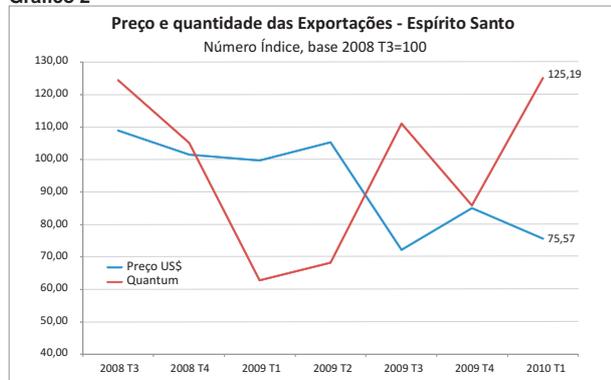
COMÉRCIO EXTERIOR

Gráfico 1



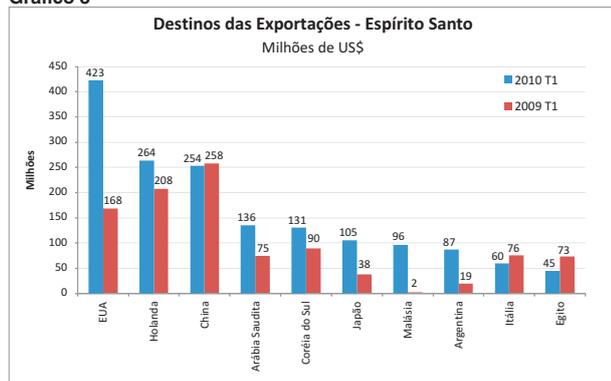
Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

As estatísticas de Comércio Exterior do Espírito Santo demonstram que ao longo do primeiro trimestre de 2010, foi registrado um volume exportado de US\$ 2,27 bilhões ao passo em que as importações registraram US\$ 1,53 bilhões no mesmo período, resultado que acarretou em um saldo positivo da balança comercial (exportações menos importações) da ordem de US\$ 740 milhões. De fato, as exportações estaduais vêm apresentando desempenho superior às importações desde o segundo trimestre de 2009, padrão mantido durante o período recente. A corrente de comércio (exportações mais importações) também apresentou valores nitidamente mais elevados do que aqueles registrados durante o ano passado (US\$ 2,27 bilhões em 2009 e US\$ 3,81 bilhões em 2010) (Tabela 2 e Gráfico 1).

A decomposição dos valores exportados pelo Estado em preços (em dólares) e quantidades (índice de *quantum*) mostra que o aumento do valor exportado pelo Estado foi reflexo principalmente de aumentos nas quantidades exportadas. Na margem (primeiro trimestre de 2010 contra o trimestre imediatamente anterior) ocorreu um aumento de +37,74% no índice de *quantum*, ao passo que os preços apresentaram um decréscimo de -11,81%, na mesma base de comparação. Adicionalmente, no caso dos últimos 12 meses, os preços das exportações caíram cerca de -9,07%, enquanto que as quantidades exportadas aumentaram +60,25%. O resultado decorrente dessas variações foi um aumento de +51,18% nos valores exportados pelo Estado (Tabela 1 e Gráfico 2).

Setorialmente, foram registradas variações positivas para a ampla maioria dos setores econômicos estaduais (Tabela 3). Destaque para os aumentos nas exportações dos setores de *Extração de minerais metálicos* (+99,48%), *Metalurgia* (+24,01%) e *Fabricação de celulose* (36,82%), setores tradicionais da economia local. Por outro lado, vale ressaltar o significativo aumento das exportações do setor *Extração de petróleo e gás natural* que, apesar de não ter apresentado valores consideráveis até fins de 2009, registrou um volume exportado de cerca de US\$ 228 milhões no primeiro trimestre de 2010 (Tabela 3).

Em relação aos principais destinos das exportações estaduais, pode-se notar que, ao mesmo tempo em que houve uma recomposição de alguns dos principais parceiros comerciais do Estado, também houve uma recuperação de posições de outros (Gráfico 3). Assim, no caso de uma comparação entre o primeiro trimestre de 2010 com o primeiro trimestre de 2009 (auge da crise), nota-se que tanto os Estados Unidos quanto a Europa (via Holanda) registraram aumentos em suas respectivas participações, com esse aumento sendo significativamente superior no primeiro caso. Este resultado pode ser explicado em parte pelas exportações de petróleo que, ao longo desse período, foram destinadas principalmente aos Estados Unidos e à Holanda. No caso, esses países absorveram, respectivamente, 82% e 18% das exportações de petróleo ocorridas no primeiro trimestre do ano.

Tabela 1 - Preço, valor e quantidade das exportações do Espírito Santo
Variações %

Componentes	2010 T1/2009 T4	2010 T1/2009 T1	12 meses
Preço US\$	↓ -11,81%	↓ -27,79%	↓ -9,07%
Valor US\$	↑ 23,67%	↑ 52,78%	↑ 51,18%
Quantum	↑ 37,74%	↑ 68,90%	↑ 60,25%

Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 2 - Principais indicadores do Comércio Exterior - Espírito Santo
US\$ bilhões

	Exportações (1)	Importações (2)	Saldo (1)-(2)	Corrente de Comércio (1)+(2)
2009	6,51	5,48	1,03	11,99
T1	1,34	1,65	-0,31	2,99
T2	1,48	1,12	0,36	2,61
T3	1,90	1,25	0,65	3,15
T4	1,79	1,46	0,33	3,25
2010 T1	2,27	1,53	0,74	3,81
<i>Variações</i>				
2010 T1/ 2009 T4	↑ 24,06	↑ 4,80	-	↑ 15,86
2010 T1/ 2009 T1	↑ 53,16	↓ -7,43	-	↑ 24,26

Fonte: SECEX, MDIC.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 3 - Exportações segundo setores de atividade econômica
US\$ milhões

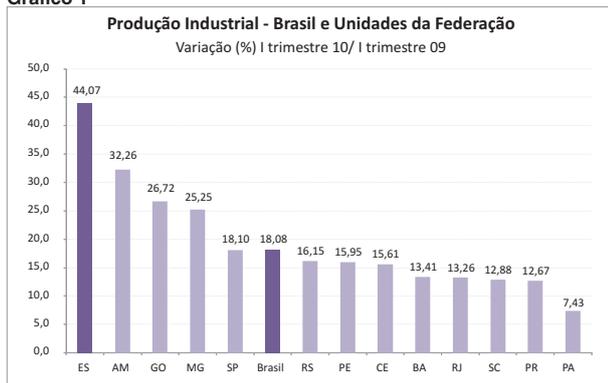
Setores	2009		2010	Variação %	
	T1	T4	T1	2010 T1/ 2009 T4	2010 T1/ 2009 T1
Extração de minerais metálicos	485,91	723,55	969,28	↑ 33,96	↑ 99,48
Metalurgia	411,14	491,18	509,85	↑ 3,80	↑ 24,01
Fabricação de celulose	177,96	218,55	243,49	↑ 11,41	↑ 36,82
Minerais não-metálicos (beneficiamento)	67,13	131,08	116,82	↓ -10,88	↑ 74,03
Agricultura e fruticultura	69,42	98,45	80,53	↓ -18,21	↑ 15,99
Extração de petróleo e gás natural	0,00	0,00	227,62	-	-
Fabricação de produtos alimentícios	40,13	34,04	23,25	↓ -31,70	↓ -42,07
Fabr. de prod. de borracha e de mat. plástico	21,14	15,05	20,38	↑ 35,35	↓ -3,63
Minerais não-metálicos (extração)	13,30	16,28	22,74	↑ 39,67	↑ 70,98
<i>Subtotal</i>	<i>1.286,14</i>	<i>1.728,20</i>	<i>2.213,95</i>	<i>↑ 28,11</i>	<i>↑ 72,14</i>
Total das Exportações	1336,71	1788,23	2274,61	↑ 27,20	↑ 70,16
Participação %	96%	97%	97%		

Fonte: SECEX, MDIC.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

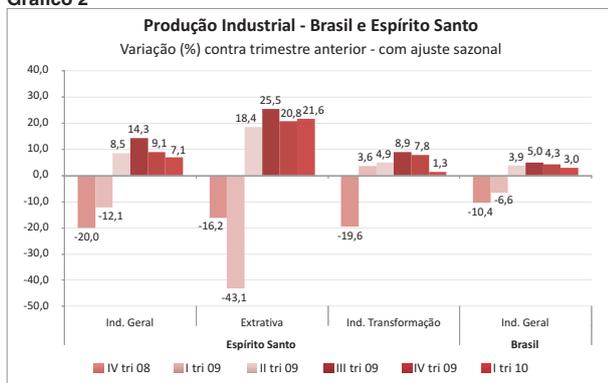
PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Gráfico 1



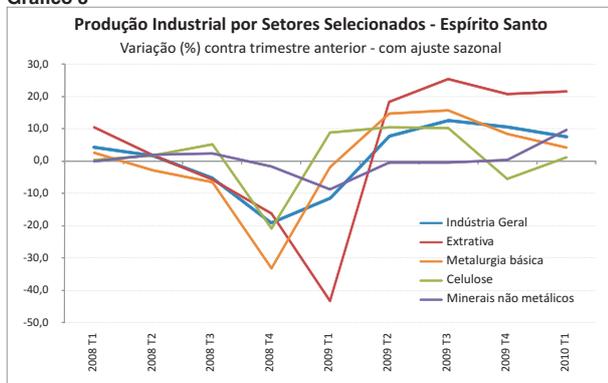
Fonte: IBGE - PIMPE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: IBGE - PIMPE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PIMPE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Os indicadores de produção industrial referentes ao primeiro trimestre de 2010 apontam resultados expressivos em termos da continuidade do processo de retomada da atividade fabril em todo o País. O Espírito Santo registrou o maior crescimento dentre as Unidades da Federação pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao avançar +44,07% frente ao mesmo período de 2009, notadamente acima da média nacional (+18,08%) (Gráfico 1). Nesse período houve significativa expansão do nível de produção em todos os setores pesquisados no Estado, a saber: *Extrativa mineral* (+116,37%), *Metalurgia básica* (+49,91%), *Celulose* (+17,37%), *Alimentos e bebidas* (+11,65%) e *Minerais não metálicos* (+8,85%) (Tabela 1).

A comparação entre trimestres consecutivos, na série com ajuste sazonal, também sinaliza o desempenho expressivo da indústria estadual, especialmente quando confrontado àquele registrado pela indústria nacional. Os resultados corroboram as evidências de um processo de recuperação mais acelerado por parte da indústria estadual em direção ao patamar em que se encontrava no período anterior à crise. Neste contexto, observa-se crescimento da produção por quatro trimestres consecutivos, com taxas significativamente superiores àquelas registradas pelo País. No primeiro trimestre de 2010, a indústria local registrou crescimento de +7,05% frente ao quarto trimestre do ano anterior, variação superior ao dobro da média nacional (+3,03%). O resultado local foi impulsionado principalmente pela indústria Extrativa mineral, cujo desempenho foi ainda mais significativo, quando comparado com o mesmo setor da indústria nacional: +21,55% e +4,29%, respectivamente (Gráfico 2).

No caso da indústria Extrativa, o crescimento obtido no primeiro trimestre de 2010 frente ao trimestre anterior reflete a contínua retomada da produção de bens intermediários em face da elevação na demanda internacional por minério de ferro e *pellets*, o que constitui elemento determinante para o desempenho da indústria estadual (Gráfico 3). No caso da indústria de transformação, é importante notar a elevação na produção dos setores de *Metalurgia básica* (+4,23%), *Minerais não metálicos* (+9,72%) e *Celulose* (+1,22%) (Tabela 1). No que se refere à produção de celulose, vale destacar que o crescimento ocorreu após recuo de -5,45% no quarto trimestre de 2009, refletindo a elevação na demanda internacional por celulose proveniente principalmente dos mercados da Europa e América Latina.

Tabela 1 - Produção Industrial (Brasil e Espírito Santo) - Taxa de Crescimento Acumulado/2010 (%)

Atividades	Com ajuste sazonal*		Sem ajuste sazonal		
	mar10/ fev10	I trim 10/ IV trim 09	mar10/ mar09	I trim 10/ I trim 09	Acumulado 12 meses (1)
Brasil					
Indústria Geral	2,75	3,03	19,74	18,08	-0,30
Extrativa Mineral	0,81	4,29	15,78	19,13	-1,07
Transformação	2,56	3,78	19,97	18,02	-0,25
Espírito Santo					
Indústria Geral	2,20	7,05	45,00	44,07	1,06
Extrativa Mineral	-0,65	21,55	67,09	116,37	-8,63
Transformação	2,09	1,27	36,90	24,77	5,56
Alimentos e bebidas	4,58	-6,85	10,60	11,65	7,66
Celulose, papel e produtos de papel	8,81	1,22	48,89	17,37	11,17
Minerais não metálicos	1,02	9,72	9,35	8,85	-5,63
Metalurgia básica	-0,53	4,23	66,33	49,91	4,67

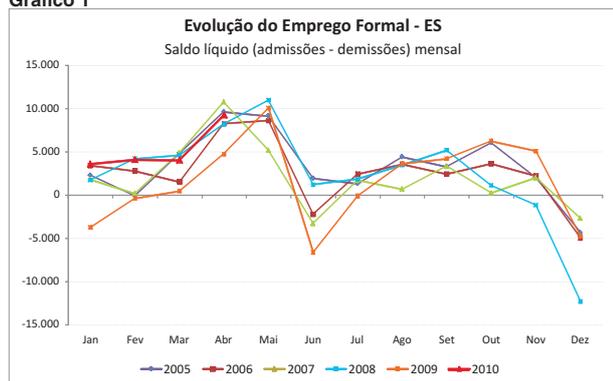
Fonte: IBGE.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

* O ajuste sazonal para as indústrias extrativa e de transformação do Espírito Santo foi realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.
(1) Em relação ao mesmo período do ano anterior.

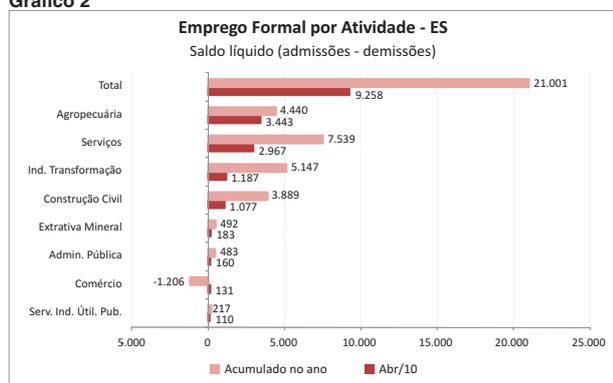
MERCADO DE TRABALHO

Gráfico 1



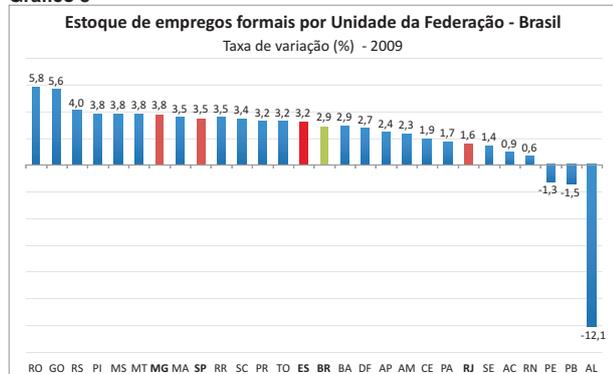
Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/05.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



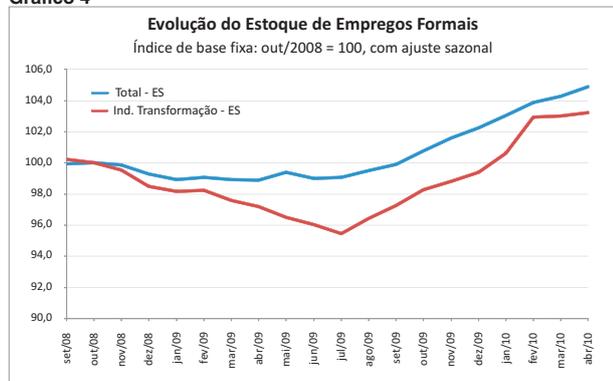
Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/05.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/05.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/05.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

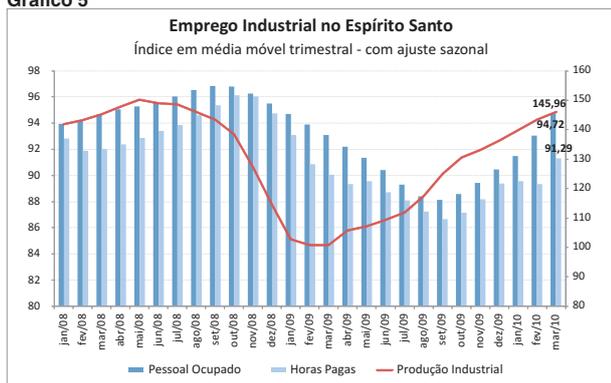
De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), no primeiro quadrimestre de 2010, o Estado acumulou geração líquida de +21.001 postos de trabalho, com desempenho recorde para o período em termos absolutos. Se comparado ao mesmo período do ano anterior, quando foram gerados +1.143 postos de trabalho em decorrência dos efeitos adversos da crise internacional na economia local, o resultado de 2010 mostra um mercado de trabalho aquecido no Estado por meio de notável recuperação das contratações (Gráfico 1).

Em termos setoriais, o desempenho do emprego no acumulado do ano decorreu principalmente da demanda por trabalho nos setores de *Serviços* (+7.539), *indústria de Transformação* (+5.147), *Agropecuária* (+4.440) e *Construção civil* (+3.889). Destaque para a *Agropecuária* que, por conta da sazonalidade positiva das contratações no setor agrícola, obteve o maior saldo positivo no mês de abril (+3.443), elevando o volume de postos gerados no primeiro quadrimestre de 2010. Os efeitos sazonais dos primeiros meses do ano estiveram presentes também no *Comércio*, único setor a apresentar saldo negativo no acumulado do ano (-1.206), decorrência das retrações ocorridas de janeiro a março. Particularmente, no mês de abril de 2010, o emprego formal no Estado registrou desempenho positivo em todos os setores, totalizando +9.258 novos postos de trabalho com carteira assinada (Gráfico 2).

No acumulado do ano, o Espírito Santo garantiu a terceira posição no *ranking* entre os estados da Região Sudeste, com crescimento de +3,19% no estoque de trabalhadores celetistas, resultado superior à média nacional (+2,92%). Na comparação intertrimestral (com ajuste sazonal), o Estado apresentou variação de +2,15% no nível de emprego, quando comparado ao trimestre imediatamente anterior. Com isso, o padrão consistente de retomada da atividade econômica no Estado proporcionou maiores contratações e trouxe impactos positivos ao estoque de empregados com carteira assinada. (Gráfico 3 e Tabela 1).

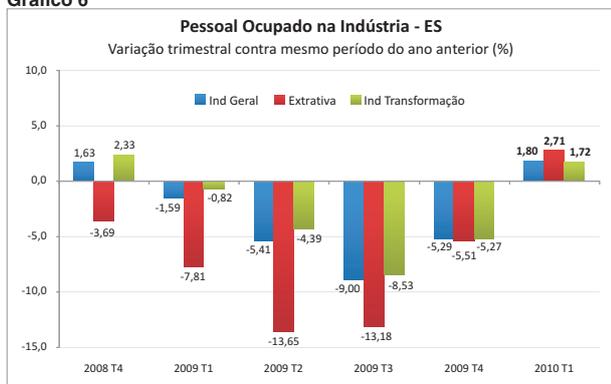
Dessa forma, no primeiro trimestre de 2010, o Espírito Santo manteve a recuperação de seu mercado de trabalho, seguindo essa tendência desde o segundo semestre do ano passado e, nesse caso, perceptível a partir da evolução do índice de emprego dessazonalizado. Especialmente na *indústria de Transformação*, um dos setores que mais sofreu com os impactos adversos da crise financeira, a retomada das contratações ocorreu de forma significativa no segundo semestre de 2009, permanecendo estável no primeiro trimestre de 2010 (Gráfico 4).

Gráfico 5



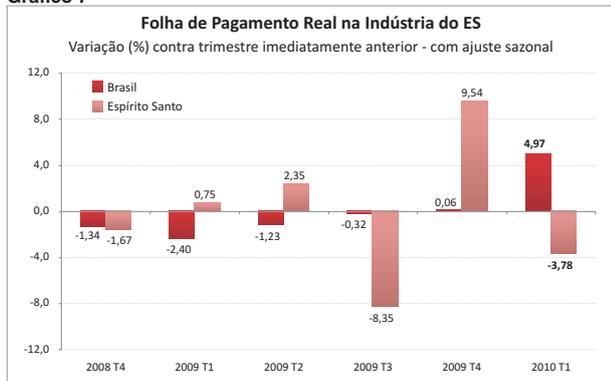
Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 6



Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 7



Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O ciclo de recuperação do emprego industrial se faz nitidamente perceptível no movimento dos índices dessazonalizados de produção industrial, pessoal ocupado e horas pagas (média móvel trimestral). O crescimento da produção observado a partir do segundo trimestre de 2009 foi o principal responsável pelos reflexos positivos no emprego do setor industrial, uma vez que o mercado de trabalho está altamente condicionado às variações do nível de atividade. Com defasagem aproximada de 6 meses em relação à recuperação da demanda industrial, observou-se no quarto trimestre de 2009 um processo de retomada das contratações e aumento no número de horas pagas. Nos três primeiros meses de 2010, este crescimento seguiu de forma continuada, registrando maior intensidade no fechamento do primeiro trimestre do ano e aproximando-se do patamar registrado no período pré-crise (Gráfico 5).

Nesse contexto, o contingente de trabalhadores ocupados na indústria estadual expandiu +4,7% no primeiro trimestre do ano, quando comparado ao trimestre imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais e equivalente a um resultado nitidamente mais significativo do que aquele registrado no caso nacional (+1,0%). Além disso, contrapondo o primeiro trimestre de 2010 em relação ao mesmo período do ano anterior, a evolução desse indicador (+1,8%) também superou o desempenho no País (+0,71%), mesmo após registrar taxas negativas ao longo de todos os trimestres de 2009. Com isso, o padrão contracionista que se observava nas indústrias Extrativa e de Transformação deu lugar à expansão da demanda por trabalho, ao registrar taxas de crescimento de +2,71% e +1,72%, respectivamente. (Gráfico 6 e Tabela 2).

A elevação consistente do indicador dessazonalizado de horas trabalhadas na produção estadual nos três primeiros meses do ano resultou em um crescimento efetivo de +5,3% no primeiro trimestre de 2010 frente ao trimestre anterior. De fato, o desempenho no período representa maior intensidade no ritmo de expansão das horas pagas no Estado, na comparação com o quarto trimestre de 2009, quando foi registrado um aumento de +2,0%. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o número de horas pagas na produção reverteu o movimento de queda, ao registrar elevação de +1,3% no primeiro trimestre de 2010, resultado bem próximo daquele registrado para o Brasil (+1,8%) (Tabela 2).

Apesar do maior fluxo de contratações e elevação da produtividade no primeiro trimestre de 2010, a folha de pagamento real no Espírito Santo registrou redução de -3,78% no período, comparativamente ao trimestre imediatamente anterior, após ajuste sazonal. Quando comparada ao mesmo trimestre do ano anterior, a indústria estadual registrou um padrão suave de redução de -0,8% nos salários reais (Gráfico 7).

Tabela 1 - Estoque de empregos formais por setor de atividade econômica (ES) - Taxa de Variação (%)

Setores	Com ajuste sazonal			
	abr.10/ mar.10	abr.10/ dez.09	I trim.10/ IV trim.09	I quadr.10/ IV trim.09
Administração Pública	0,58	0,13	1,12	1,22
Agropecuária	1,13	3,50	2,25	2,76
Comércio	0,23	1,56	1,43	1,58
Construção Civil	0,66	3,93	3,56	4,02
Extrativa Mineral	1,20	4,36	2,43	3,01
Ind de Transformação	0,24	3,87	3,39	3,66
Serviços	0,88	2,24	1,73	2,04
Serv. Ind. de Utilidade Pública	1,05	2,28	1,99	2,35
Total	0,61	2,60	2,15	2,44

Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/65.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 2 - Pessoal Ocupado Assalariado na Indústria por segmentos - ES - Taxa de Variação (%)

Atividades	Com ajuste sazonal*		Sem ajuste sazonal	
	mar.10/ fev.10*	I trim.10/ IV trim.09*	mar.10/ mar.09	I trim.10/ I trim.09
Brasil				
Folha de Pagamento Real	1,20	4,97	5,60	3,31
Número de Horas Pagas	1,00	2,00	3,70	1,78
Pessoal Ocupado	0,70	0,98	2,40	0,71
Espírito Santo				
Folha de Pagamento Real	-4,00	-3,78	-1,65	-0,85
Número de Horas Pagas	4,40	5,30	5,76	1,34
Pessoal Ocupado	1,90	4,71	5,02	1,80
Indústria Geral	1,90	4,71	5,02	1,80
Extrativa Mineral	1,75	4,00	5,02	2,71
Transformação	1,97	4,80	5,02	1,72
Alimentos e Bebidas	0,84	6,09	13,46	10,48
Borracha e Plástico	0,21	7,59	3,03	0,71
Minerais não metálicos	-0,06	0,67	4,12	5,02
Metalurgia Básica	3,31	7,04	5,27	0,51
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	-5,59	10,56	40,23	62,19
Calçados e couro	5,61	8,32	29,71	22,01
Produtos químicos	-0,50	6,41	6,23	5,64

Fonte: IBGE.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

(1) Com ajuste sazonal, realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.

(2) Em relação ao mesmo período do ano anterior.

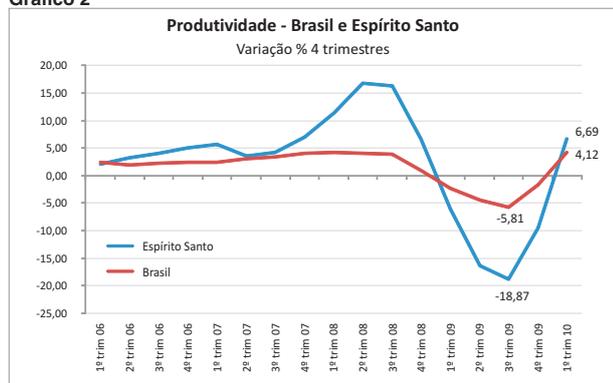
PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL

Gráfico 1



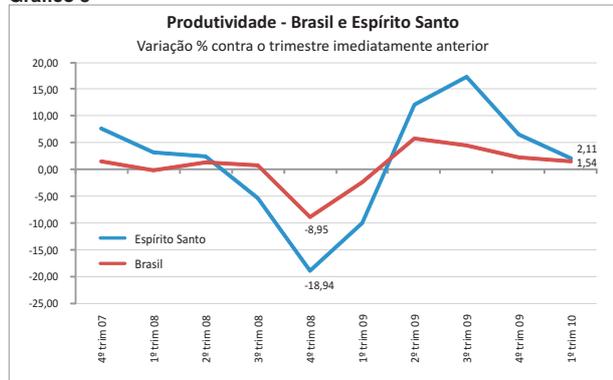
Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



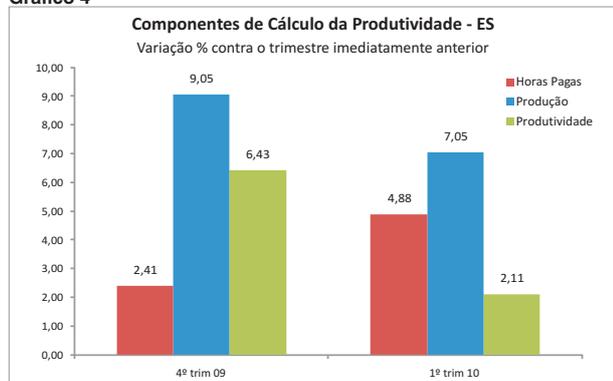
Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Ao longo do primeiro trimestre de 2010, a produtividade industrial do estado do Espírito Santo apresentou um desempenho superior em relação à produtividade do Brasil, embora tenha havido uma redução na comparação com o trimestre imediatamente anterior. Desde o ano de 2001, o nível da produtividade estadual (número-índice com 2001:01 = 100) apresenta-se nitidamente acima do nível nacional, com esse padrão sendo mantido mesmo durante o final de 2008 e início de 2009, quando a economia sentiu de maneira mais intensa os efeitos adversos da crise financeira mundial (Gráfico 1).

Por outro lado, comparações envolvendo distintos horizontes de tempo revelam que os ganhos de produtividade foram menores do que aqueles relacionados aos níveis dessa variável econômica. Por exemplo, no caso de variações acumuladas em quatro trimestres, nota-se que o Estado apresentou um recuo mais forte do que o País ao longo do período compreendido entre o terceiro trimestre de 2008 e o terceiro trimestre de 2009, registrando uma queda de -18,87% ao final desse período (contra uma queda de -5,81%, no caso nacional). Entretanto, ao longo do período posterior, a produtividade industrial do Estado vem apresentando um ritmo de retomada superior à produtividade do País, com variações registradas de +6,69% e +4,12%, respectivamente (Gráfico 2).

No caso da comparação com o trimestre imediatamente anterior, também é possível notar um movimento semelhante ao descrito acima: no caso, a produtividade estadual tende a ficar abaixo da produtividade nacional durante períodos recessivos, ocorrendo um padrão inverso no caso de períodos expansivos¹⁹. No caso desse tipo de comparação, nota-se um padrão de convergência entre os índices referentes ao Espírito Santo e ao Brasil, com ambos reportando variações entre 1,5% e 2% (Gráfico 3).

Uma possível razão para a redução da taxa de crescimento da produtividade industrial estadual na comparação com o trimestre imediatamente anterior equivale provavelmente ao fato de que, ao mesmo tempo em que houve uma redução na taxa de crescimento do índice de produção industrial (de +9,05% para +7,05%), também ocorreu um aumento nas taxas referentes ao índice de horas pagas (de +2,41% para +4,88%), o que acabou resultando na redução supracitada (de +6,43% para +2,11%). Esses resultados podem ser visualizados mais facilmente a partir da inspeção do Gráfico 4, onde é apresentada a decomposição do índice de produtividade industrial estadual em seus dois componentes básicos (produção industrial e horas pagas).

Em termos setoriais, nota-se que, enquanto o Brasil apresentou resultados positivos para todos os índices considerados (indústrias Geral, Extrativa e de Transformação) quando considerados distintos horizontes de comparação, o mesmo não ocorreu com o Espírito Santo, que registrou quedas em alguns casos. Especificamente, a indústria de Transformação registrou queda na comparação com o trimestre imediatamente anterior (-3,77%) e a Extrativa registrou queda na variação acumulada em quatro trimestres (-1,17%). Ainda assim, é possível notar que, no caso de variações positivas, os resultados são mais intensos no Estado do que no País: por exemplo, no caso de variações relacionadas ao mesmo período do ano anterior, o Espírito Santo apresentou um resultado cerca de três vezes superior ao Brasil (variação de +42,86% contra +14,89%). Destaque para a Indústria Extrativa local cujo índice, no caso dessa comparação, praticamente dobrou ao longo do período considerado (variação de +98,27%) (Tabela 1).

¹⁹ Ver, a esse respeito, MAGALHÃES, M.A.; RIBEIRO, A.P.L. Evolução da produtividade no Espírito Santo: uma análise comparativa. *Nota Técnica n.06*, IJSN, ago.2009, 22p. (Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/204_nt6.pdf).

Tabela 1 - Produtividade – ES e Brasil
Variação (%) - com ajuste sazonal

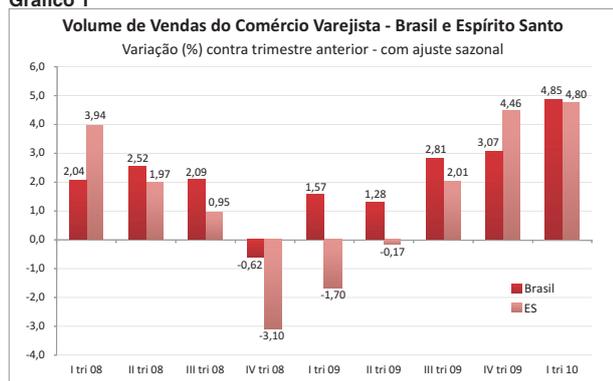
	Variação % contra trim. imediatamente anterior	Variação % 4 trimestres	Variação % contra mesmo trim. do ano anterior
Brasil			
Geral	↑ 1,54	↑ 4,12	↑ 14,89
Extrativa	↑ 1,85	↑ 1,72	↑ 16,91
Transformação	↑ 2,31	↑ 4,21	↑ 14,76
Espírito Santo			
Geral	↑ 2,11	↑ 6,69	↑ 42,86
Extrativa	↑ 6,46	↓ -1,17	↑ 98,27
Transformação	↓ -3,77	↑ 10,12	↑ 23,46

Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

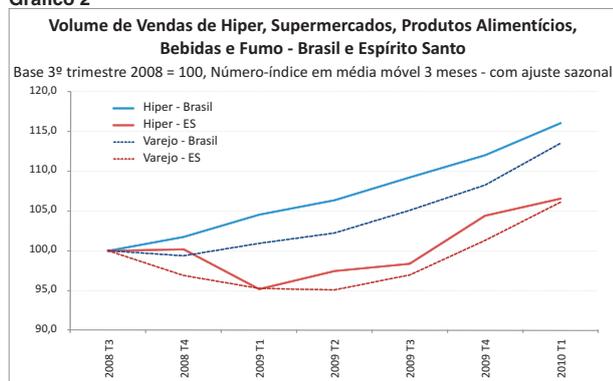
CONSUMO E INVESTIMENTOS

Gráfico 1



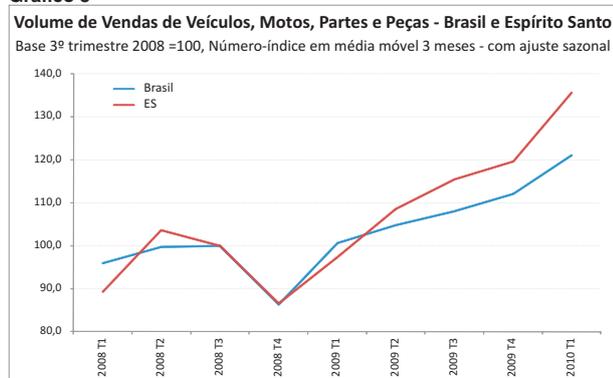
Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



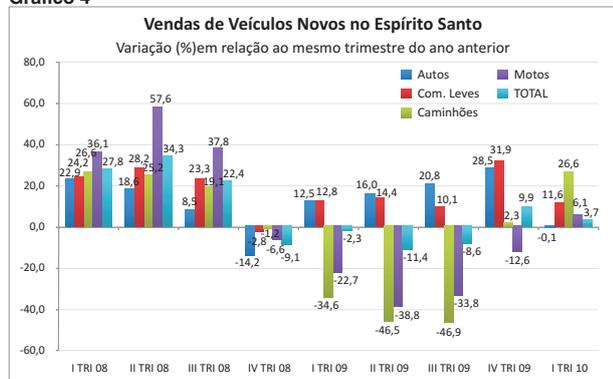
Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: FENABRAVE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O desempenho do comércio varejista do Espírito Santo no primeiro trimestre de 2010 reforça as evidências do contínuo fortalecimento do mercado interno e da retomada consistente da atividade econômica local. Com efeito, o volume de vendas registrou elevação pelo terceiro trimestre consecutivo, encerrando o primeiro trimestre do ano com alta de +4,80% frente ao período anterior, descontados os efeitos sazonais. (Gráfico 1).

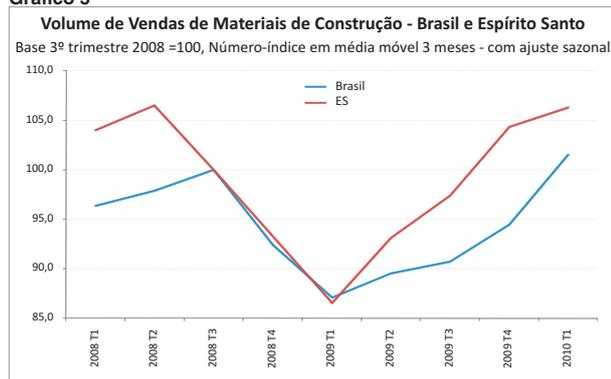
O comportamento do comércio local tem sido impulsionado principalmente pela elevação nas vendas do segmento *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, que responde pela maior contribuição relativa para a formação da taxa global do varejo capixaba. Desde o segundo trimestre de 2009, o setor vem apresentando taxas positivas na margem, fechando o primeiro trimestre de 2010 com crescimento de +2,04% frente ao trimestre anterior, o que repercutiu favoravelmente sobre o resultado local (Gráfico 2). Adicionalmente, é importante notar a elevação nas vendas de *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (+10,18%), *Móveis e eletrodomésticos* (+7,89%) e *Tecidos, vestuário e calçados* (+7,03%) (Tabela 1).

Os dados referentes ao comércio varejista ampliado²⁰ do Estado são ainda mais significativos. Nos três primeiros meses de 2010, houve expansão de +10,67% frente ao quarto trimestre de 2008, após ajuste sazonal, notadamente acima da média nacional (+5,51%). Nesse caso, o resultado foi influenciado principalmente pelo desempenho do segmento *Veículos, motos, partes e peças* (+13,39%), que exerce a maior contribuição relativa para formação da taxa global do varejo ampliado (Gráfico 3 e Tabela 1).

No que se refere ao segmento automotivo, cabe destacar o desempenho do mercado de veículos novos do Estado. Dados da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (FENABRAVE) revelam crescimento nas vendas totais de veículos novos pelo segundo trimestre consecutivo, mediante alta de +3,70%, em comparação ao primeiro trimestre de 2009. O resultado evidencia o êxito das medidas governamentais de incentivo ao setor automotivo, aliadas à recomposição do crédito e à política de promoções das montadoras (Ver parte de Política Monetária e Creditícia do *Panorama*). O primeiro trimestre de 2010 foi marcado ainda pela reversão na trajetória de queda nas vendas de motos (+6,12%) e pelo crescimento significativo nas vendas de caminhões (+26,58%), ambas as comparações feitas em relação ao mesmo período de 2009 (Gráfico 4).

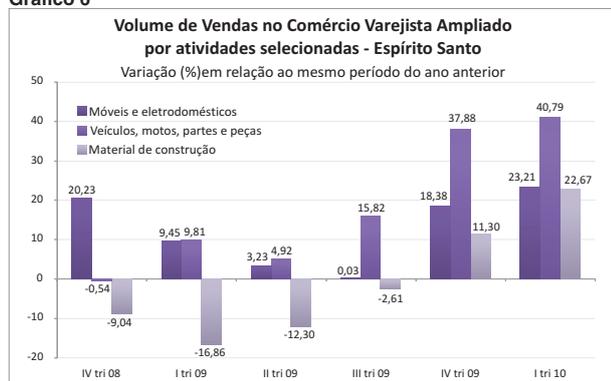
²⁰ Composto pela soma das vendas do varejo com as automotivas e de materiais de construção.

Gráfico 5



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 6



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Na análise do comportamento do comércio varejista ampliado, destaca-se ainda o desempenho do segmento de *Materiais de construção*, que registrou crescimento pelo quarto trimestre consecutivo (+1,90%), na série livre de influências sazonais, superando o patamar observado em nível nacional (Gráfico 5). Por outro lado, observa-se uma redução no ritmo de crescimento na passagem do quarto trimestre de 2009 para o primeiro trimestre de 2010 (de +7,10% para +1,90%), o que sinaliza um período de acomodação, após o impulso inicial dado pela redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

O acompanhamento dos indicadores acerca do ambiente econômico sob a ótica do consumo também evidencia os efeitos positivos da política fiscal expansionista adotada pelo governo federal. As medidas de redução do IPI impulsionaram significativamente o consumo local de bens duráveis, a saber, *Móveis e eletrodomésticos*, *Veículos e Materiais de construção*, segmentos que, no primeiro trimestre de 2010, registraram aceleração no ritmo de crescimento das vendas em relação ao mesmo período de 2009. (Gráfico 6).

Tabela 1 - Variação (%) no Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado do ES - março/2010

Atividade	Com ajuste sazonal*		Sem ajuste sazonal		
	mar10/ fev10	I tri 10/ IV tri 09	mar10/ mar09	I tri 10/ I tri 09	Acumulado 12 meses (1)
Combustíveis e lubrificantes	0,40	-3,46	-11,67	-11,88	-7,98
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-1,36	2,04	19,09	12,17	3,01
Hipermercados e supermercados	-1,56	2,17	19,26	12,36	2,96
Tecidos, vestuário e calçados	0,51	7,03	-3,92	-3,62	-9,95
Móveis e eletrodomésticos	2,15	7,89	21,81	23,21	11,40
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-0,27	4,59	23,05	19,20	14,71
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,16	1,47	43,50	15,05	5,05
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	3,37	-9,09	45,15	27,21	15,72
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	4,27	10,18	25,66	16,81	-6,59
Varejo - Espírito Santo	1,83	4,70	16,25	11,41	2,27
Varejo - Brasil	1,63	4,85	15,71	12,78	8,03
Veículos, motocicletas, partes e peças	21,03	13,39	59,58	40,79	24,15
Material de construção	3,04	1,90	27,83	22,67	3,84
Varejo Ampliado - Espírito Santo	14,97	10,67	38,60	25,70	12,40
Varejo Ampliado - Brasil	5,01	5,51	22,00	15,50	9,60

Fonte: IBGE.

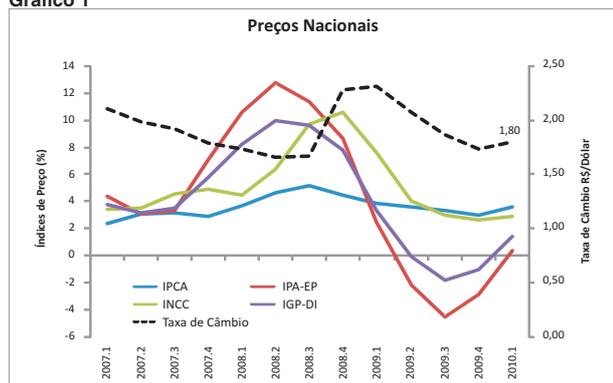
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

* Com ajuste sazonal; ajuste por atividades realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.

(1) Base: igual período do ano anterior.

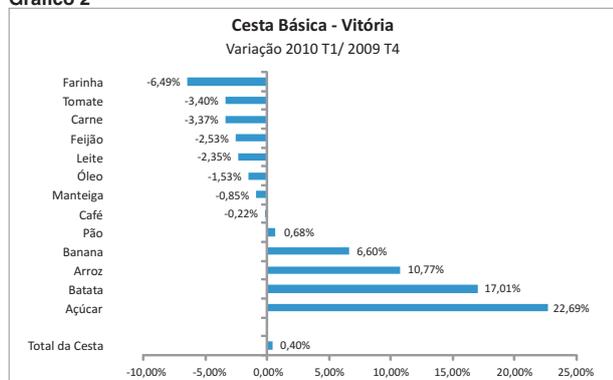
PREÇOS

Gráfico 1



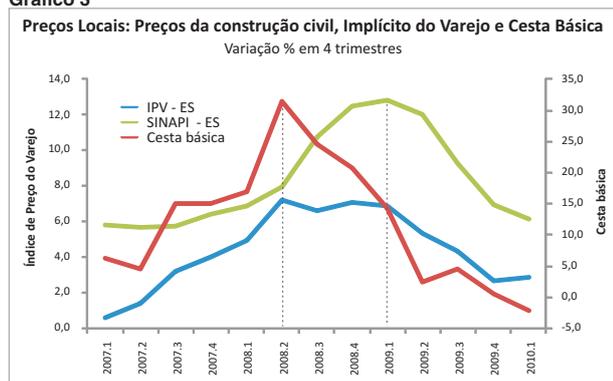
Fonte: IBGE, FGV e IPEADATA.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: DIEESE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: DIEESE, IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O primeiro trimestre de 2010 foi caracterizado pela aceleração dos preços das *commodities* internacionais que, em certa medida, já impactaram sobre os preços na economia nacional. Especificamente, o índice geral de preços das *commodities* divulgado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) apresentou variação de +4,10% somente na passagem do quarto trimestre de 2009 para o primeiro trimestre de 2010, com destaque para o comportamento dos preços das *commodities* metálicas que variaram +6,33%, na mesma base de comparação. Interessante notar que os preços das exportações locais ainda apresentam recuos expressivos no primeiro trimestre do ano, uma vez que, além dos preços internacionais refletem também as variações na taxa de câmbio (Tabela 1)²¹.

Internamente, este movimento desencadeou uma aceleração dos preços gerais da economia – medidos via Índice Geral de Preços (IGP) – (variação de +1,91%, do quarto trimestre de 2009 para o primeiro trimestre de 2010), resultado derivado principalmente do aumento dos preços do setor atacadista – medidos via Índice de Preços do Atacado (IPA) – (+1,86%). Em relação à taxa de câmbio, é possível notar que a desaceleração nos índices de preços parece anteceder a valorização da moeda nacional (Gráfico 1). Os preços ao consumidor, medidos pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), já apresentam uma aceleração nesse primeiro trimestre do ano, registrando uma inflação de +1,84% no período. De fato, a aceleração desse índice preocupa os formuladores de política monetária, uma vez que a variação acumulada em 12 meses (+4,66%) já supera a meta de inflação de 4,5% ao ano (a.a.) traçada pelo Comitê de Política Monetária (COPOM) (Tabela 1).

No Espírito Santo, uma parcela importante dos preços dos produtos comercializados no estado apresentou aceleração no primeiro trimestre do ano. Por exemplo, o índice de preços implícito do varejo²² registrou alta de +2,88% na comparação com o primeiro trimestre de 2009, variação que ficou pouco acima daquela registrada para o caso nacional (+2,30). Já o preço médio da cesta básica, calculado para a cidade de Vitória, apresentou um decréscimo de -2,13% no primeiro trimestre de 2010 ante mesmo período do ano anterior, apontando para uma tendência de queda nos preços de alguns dos principais produtos que compõem a cesta básica, como carne (-3,37%), feijão (-2,53%) e leite (-2,35%) (Gráfico 2).

Por sua vez, os preços da construção civil apresentaram um padrão de desaceleração desde o primeiro trimestre de 2009, com uma defasagem relativa de três trimestres em relação aos preços do varejo e da cesta básica (ver linhas pontilhadas no Gráfico 3). A desaceleração dos preços nesse setor ocorreu de maneira relativamente suave, apresentando ainda no primeiro trimestre uma variação positiva de +6,13%, quando comparado com o mesmo trimestre de 2010. Isso ocorreu uma vez que boa parte dos produtos e serviços ofertados para a construção civil são de caráter não transacionável com o exterior (*non-tradeables*), o que, conseqüentemente, faz com que os preços dos bens e serviços reflitam principalmente o aquecimento ocorrido no mercado interno da construção civil (Gráfico 3).

²¹ Sobre a importância dos preços de *commodities* para a economia do Espírito Santo, ver MAGALHÃES, M.A. Preços de *Commodities* e Nível de Atividade no Espírito Santo: um estudo econométrico. *Texto de Discussão n. 13*, IJSN, mai.2010, 37p. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/textos-para-discussao/>.

²² Como o Espírito Santo não possui índices de preço ao consumidor, o IJSN utiliza o índice de preço implícito do varejo como *Proxy* dos preços ao consumidor. Este índice é calculado a partir da razão entre o índice de receita nominal e o índice de volume de vendas obtidos pela Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE.

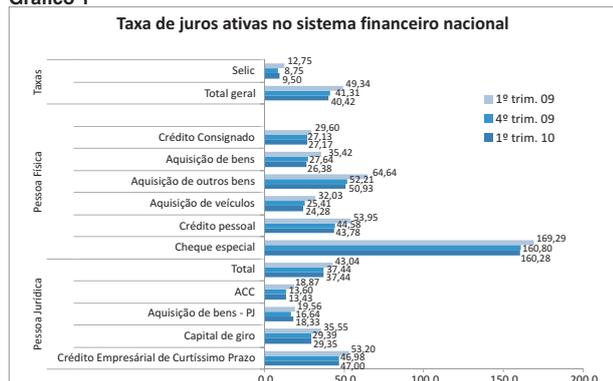
Tabela 1 - Variações Percentuais nos Principais Índices de Preços

Índices de Preços		12 meses (%)	T1 2010/ T4 2009	T1 2010/ T1 2009
Internacionais				
Preço de Commodities - FMI		↑ 39,77	↑ 4,10	↑ 43,34
Metais		↑ 48,57	↑ 6,33	↑ 59,21
Café (Cotação Internacional)		↓ -5,18	↓ -1,48	↓ -9,65
Preço das exportações locais - US\$		↓ -56,59	↓ -7,73	↓ -21,35
Índices Nacionais				
ao consumidor (IPCA)		↑ 4,66	↑ 1,84	↑ 4,86
no atacado (IPA-EP)		↑ 0,89	↑ 1,86	↓ -1,09
na construção civil (INCC)		↑ 4,75	↑ 1,30	↑ 3,98
gerais (IPG-DI)		↑ 2,21	↑ 1,91	↑ 0,85
Taxa de Câmbio		↓ -19,05	↑ 3,67	↓ -22,05
Índices Locais				
SINAPI	BR	↑ 5,47	↑ 1,44	↑ 5,90
	ES	↑ 5,66	↑ 0,60	↑ 6,13
Índice de preço implícito do varejo	BR	↑ 1,94	↑ 0,95	↑ 2,30
	ES	↑ 2,16	↑ 1,50	↑ 2,88
Cesta básica		↑ 5,89	↑ 0,40	↓ -2,13

Fonte: FMI, FGV, IBGE, IPEADATA, DIEESE e MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

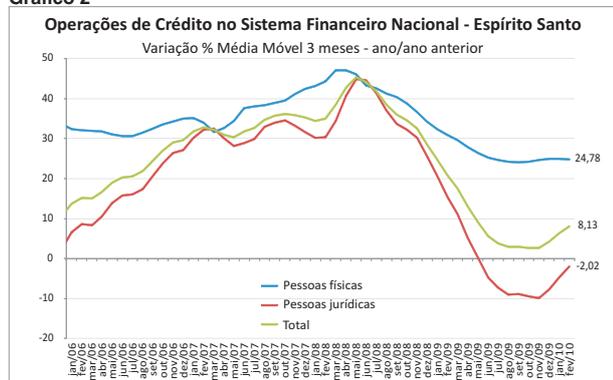
POLÍTICA MONETÁRIA E CREDITÍCIA

Gráfico 1



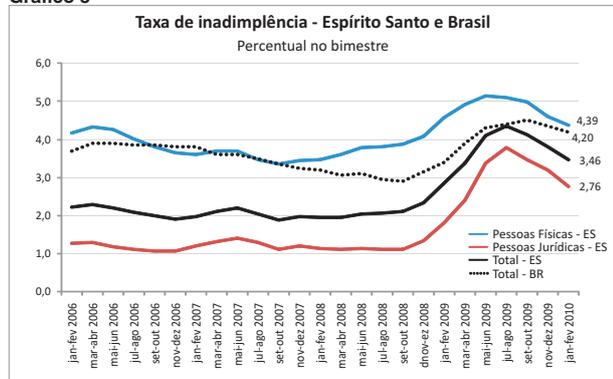
Fonte: BCB - DEPEC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: BCB - DEPEC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: BCB - DEPEC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

A retomada dos movimentos inflacionários advindos do exterior, impulsionados pelo aumento dos preços das *commodities* internacionais e a pressão exercida pelo aquecimento da economia interna desempenharam papel chave sobre a decisão do Banco Central do Brasil (Bacen) na implementação da política monetária neste primeiro trimestre de 2010. De acordo com o Relatório *Focus* do Bacen, essas pressões já se traduzem em uma reversão nas expectativas do mercado, apontando para uma projeção de inflação de 5,42% (ver parte de *Expectativas* deste Panorama), taxa que se encontra acima da meta de 4,5% traçada pelo Comitê de Política Monetária (COPOM) para o final de 2010. Tendo como base esse cenário prospectivo, o COPOM decidiu, na reunião realizada em abril de 2010, pelo aumento de 0,75 p.p. na taxa básica de juros (SELIC). Os impactos desse aumento nas taxas de juros ativas do sistema financeiro nacional ainda não foram sentidos com maior intensidade e, por conta disso, a maioria das taxas ainda apresentou um leve declínio do 4º trimestre de 2009 ao 1º trimestre de 2010. Destaque para a queda de 1,3 pontos percentuais na taxa de aquisição de bens para pessoas físicas, que passou de 52,20% a.a. para 50,9% a.a., respectivamente (Gráfico 1).

No mercado de crédito local, o montante de operações de crédito registrou uma média de R\$ 21,01 bilhões no primeiro bimestre do ano, o que representa uma variação de +1,86% ante o bimestre imediatamente anterior. Esse aumento foi impulsionado principalmente pela expansão do crédito destinado às pessoas jurídicas que, neste bimestre, registrou um montante de R\$ 11,85 bilhões, equivalente a uma taxa de expansão de +2,29% nesse período (Tabela 1). As operações de crédito realizadas no Espírito Santo sofreram uma aceleração a partir de dezembro de 2009, fechando em fevereiro de 2010 com uma alta de +8,13% na variação da média móvel três meses em relação ao mesmo período do ano anterior (Gráfico 2).

Os dados sobre inadimplência das operações de crédito realizadas no Estado também apresentaram resultados positivos, com redução -9,19% no nível total desse indicador, do último bimestre de 2009 ao primeiro bimestre de 2010. Desse modo, apenas 3,46% dos financiamentos no estado apresentou atrasos, nível abaixo da média nacional (4,39%). Esta redução pode ser explicada pela queda da inadimplência no segmento de pessoas jurídicas, que registrou uma taxa de +2,76% no primeiro bimestre do ano, o que representa uma redução de -13,88% em relação ao mesmo bimestre imediatamente anterior. Este é um resultado positivo, tendo em vista a diminuição do risco de contratação de recursos, fato que contribui para a redução dos juros ativos aos consumidores e investidores (Tabela 1).

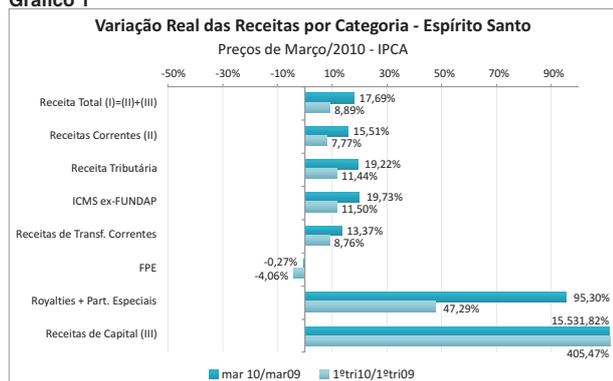
Tabela 1 - Indicadores de Crédito e Inadimplência no Espírito Santo

	Operações de Crédito (R\$ bilhões)			Inadimplência		
	nov-dez 2009	jan-fev 2010	Var. %	nov-dez 2009	jan-fev 2010	Var. %
Pessoa Física	9,03	9,15	↑ 1,32	4,60	4,39	↓ -4,67
Pessoa Jurídica	11,59	11,85	↑ 2,29	3,21	2,76	↓ -13,88
Total	20,62	21,01	↑ 1,86	3,81	3,46	↓ -9,19

Fonte: BCB - DEPEC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

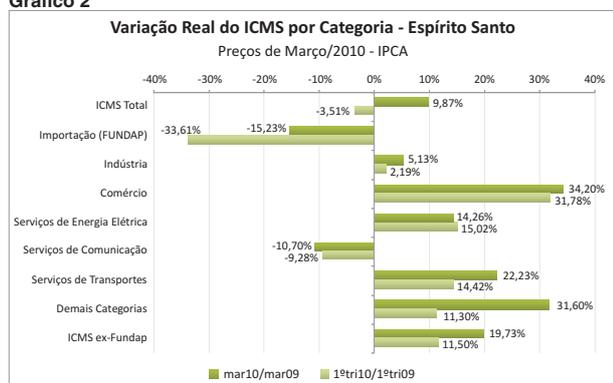
FINANÇAS ESTADUAIS

Gráfico 1



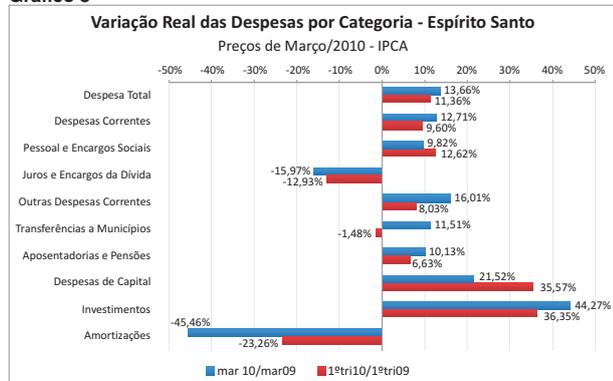
Fonte: Balanete Geral do Estado e SEFAZ-ES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



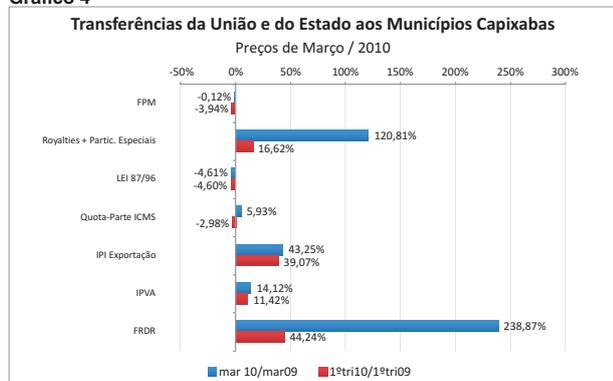
Fonte: Balanete Geral do Estado.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: Balanete Geral do Estado.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: Balanete Geral do Estado.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O primeiro trimestre de 2010 pode ser caracterizado pela recuperação das receitas estaduais (+8,89%) em relação ao mesmo período do ano passado. Por sua vez, o crescimento verificado nas receitas pode ser explicado pela variação positiva das *Receitas Correntes* (+7,77%) e das *Receitas De Capital* (+405,47%). As receitas correntes cresceram devido aos incrementos verificados na *Receita Tributária* (+11,44%), especialmente por conta do *Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços* (ICMS) (+11,50%) e do recebimento de *Royalties e Participações Especiais* (+47,29%). No mesmo período, houve produção recorde das bacias produtoras de petróleo dos estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. O desempenho positivo da arrecadação de ICMS, juntamente com o aumento dos *royalties* recebidos foi fundamental para a recuperação das receitas no primeiro trimestre de 2010 (Gráfico 1).

É esperado que os efeitos defasados da recuperação da economia brasileira e do Espírito Santo, iniciada em meados de 2009, se manifestem sobre a arrecadação a partir de 2010, conforme já é possível se perceber em algumas categorias de receitas. Esta situação pode ser mais bem evidenciada, ao se observar o crescimento da maioria das modalidades de ICMS, entre elas, *Comércio*, *Serviços de energia elétrica*, *Serviços de Transporte*, e *Indústria* (aumentos de +31,78%, +15,02%, +14,42% e 2,19%, respectivamente). A despeito do crescimento de algumas das principais modalidades do ICMS, a arrecadação de receitas provenientes de *Serviços de Importação* caiu -33,61%, possivelmente devido a mudanças do regime de importação por conta e ordem de terceiros²³ entre os estados do Espírito Santo e São Paulo e, por conseguinte, devido à absorção dos impactos negativos sobre a atividade importadora nos portos capixabas (Gráfico 2).

No que se refere às despesas estaduais, houve um crescimento de +11,36% no primeiro trimestre, alicerçado principalmente pelo aumento das *Despesas com Pessoal* (+12,62%) e dos *Investimentos* (+36,35%). As despesas com *Transferências aos Municípios* apresentaram uma ligeira queda no trimestre (-1,48%), porém, com crescimento registrado na margem (+11,51%) (Gráfico 3).

Por fim, cabe destacar o desempenho das transferências percebidas pelos municípios do Estado. No trimestre, o destaque coube às transferências de *Royalties e Participações Especiais* (+16,62%), inclusive com desempenho positivo na margem (+120,81%). Paralelamente, ancorada no crescimento das receitas estaduais de *royalties* estaduais, as transferências do *Fundo para Redução das Desigualdades Regionais* (FRDR), cresceram mais de 40% no trimestre (Gráfico 4).

²³ De acordo com definição da Receita Federal do Brasil: "(...) A importação por conta e ordem de terceiro é um serviço prestado por uma empresa – a importadora –, a qual promove, em seu nome, o despacho aduaneiro de importação de mercadorias adquiridas por outra empresa – a adquirente –, em razão de contrato previamente firmado, que pode compreender ainda a prestação de outros serviços relacionados com a transação comercial, como a realização de cotação de preços e a intermediação comercial (...)" (art. 1º da IN SRF nº 225/02 e art. 12, § 1º, I, da IN SRF nº 247/02).

Tabela 1 - Receitas e Despesas - Espírito Santo

	jan/09	fev/09	mar/09	1º trim/09	jan/10	fev/10	mar/10	1º trim/10	mar 10/ mar 09	1º Tri 10/ 1º Tri 09
Receita Total (I)=(II)+(III)+(IV)-(V)	976.012	931.603	831.597	2.739.212	899.751	900.598	912.384	2.712.733	9,71%	-0,97%
Receitas Correntes (II)	959.167	917.265	803.423	2.679.856	882.173	891.220	886.139	2.659.532	10,30%	-0,76%
Receita Tributária	696.805	654.244	569.902	1.920.951	637.221	608.838	630.183	1.876.242	10,58%	-2,33%
ICMS	650.008	607.345	506.953	1.764.306	590.447	555.047	556.964	1.702.457	9,87%	-3,51%
IPVA	8.472	8.413	22.365	39.250	9.347	8.651	23.060	41.058	3,11%	4,61%
IRRF	19.681	20.775	18.251	58.707	17.080	25.625	25.247	67.952	38,33%	15,75%
Demais Tributos	18.644	17.711	22.333	58.689	20.347	19.516	24.912	64.775	11,55%	10,37%
Receitas de Transferências Correntes	195.705	200.555	167.838	564.098	187.547	232.712	189.165	609.424	12,71%	8,04%
FPE	66.911	62.081	49.357	178.349	55.107	66.780	49.224	171.111	-0,27%	-4,06%
Royalties + Participações Especiais	10.704	41.624	7.028	59.355	7.777	65.923	13.726	87.425	95,30%	47,29%
Demais Transferências Correntes	118.090	96.850	111.453	326.393	124.664	100.009	126.215	350.888	13,25%	7,50%
Receitas de Capital (III)	20.374	27.215	22.928	70.517	17.712	12.354	22.142	52.208	-3,43%	-25,96%
Operações de Crédito	629	4.665	—	5.294	8.257	4.715	13.214	26.186	0,00%	394,61%
Demais Receitas de Capital	19.745	22.550	22.928	65.223	9.455	7.639	8.928	26.022	-61,06%	-60,10%
Receitas Intra-Orçamentárias (IV)	80.299	72.799	80.257	233.356	85.710	82.204	88.160	256.074	9,85%	9,74%
Deduções da Receita Corrente (V)	83.828	85.677	75.012	244.517	85.844	85.179	84.057	255.081	12,06%	4,32%
Receita Total (I)=(II)+(III)	660.391	655.897	602.436	1.918.724	682.202	698.182	708.980	2.089.364	17,69%	8,89%
Receitas Correntes ¹ (II)	659.754	651.191	602.351	1.913.296	672.713	693.461	695.757	2.061.930	15,51%	7,77%
Receita Tributária ²	456.633	450.543	426.878	1.334.054	496.866	480.822	508.936	1.486.623	19,22%	11,44%
ICMS ex-FUNDAP ²	409.836	403.644	363.929	1.177.409	450.092	427.030	435.716	1.312.838	19,73%	11,50%
Receitas de Transf. Correntes ³	179.465	185.462	155.664	520.591	173.408	216.317	176.474	566.199	13,37%	8,76%
FPE ³	53.529	49.665	39.486	142.679	44.085	53.424	39.379	136.889	-0,27%	-4,06%
Royalties + Part. Especiais	10.704	41.624	7.028	59.355	7.777	65.923	13.726	87.425	95,30%	47,29%
Receitas de Capital ⁴ (III)	637	4.705	85	5.427	9.488	4.722	13.223	27.433	15531,82%	405,47%
Despesa Total	618.226	628.834	744.097	1.991.157	664.729	706.853	845.714	2.217.296	13,66%	11,36%
Despesas Correntes	598.578	593.884	663.952	1.856.414	638.961	647.349	748.318	2.034.628	12,71%	9,60%
Pessoal e Encargos Sociais	282.222	247.316	287.702	817.240	308.277	296.124	315.966	920.367	9,82%	12,62%
Juros e Encargos da Dívida	14.296	12.502	12.882	39.680	12.772	10.950	10.825	34.547	-15,97%	-12,93%
Outras Despesas Correntes	302.059	334.066	363.369	999.494	317.911	340.275	421.527	1.079.714	16,01%	8,03%
Transferências a Municípios	174.967	161.424	142.617	479.009	160.839	152.041	159.027	471.907	11,51%	-1,48%
Aposentadorias e Pensões	90.737	87.045	88.744	266.526	91.606	94.850	97.730	284.185	10,13%	6,63%
Despesas de Capital	19.648	34.951	80.145	134.743	25.768	59.504	97.396	182.668	21,52%	35,57%
Investimentos ⁵	2.234	13.420	48.289	63.943	2.846	14.678	69.665	87.189	44,27%	36,35%
Amortizações ⁵	17.413	21.530	31.856	70.800	16.801	20.155	17.374	54.330	-45,46%	-23,26%
Demais Despesas de Capital	—	—	—	—	6.121	24.672	10.356	41.149	—	—

Fonte: Balancete Geral do Estado – SEFAZ-ES.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos.

¹ Receita deduzida dos efeitos do FUNDAP e FUNDEB.

² Receita deduzida dos efeitos do FUNDAP.

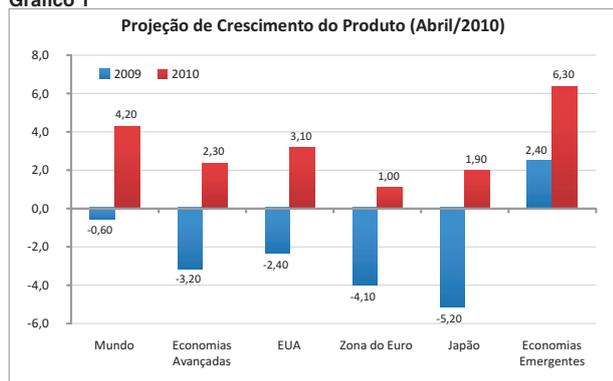
³ Receita deduzida dos efeitos do FUNDEB.

⁴ Receita deduzida dos efeitos dos leilões FUNDAP.

⁵ Despesa líquida dos efeitos das inversões financeiras devido aos financiamentos FUNDAP.

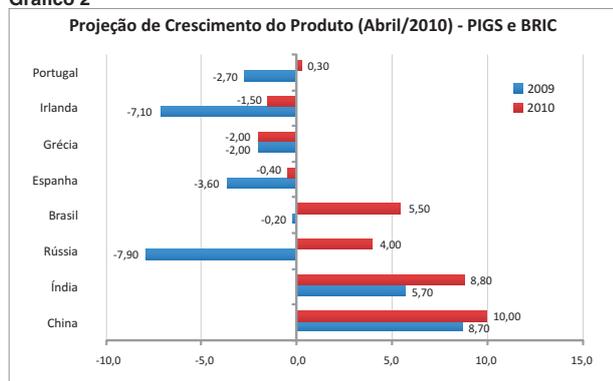
EXPECTATIVAS

Gráfico 1



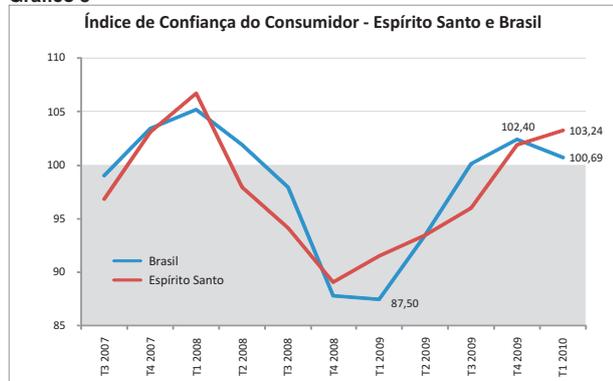
Fonte: FMI.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



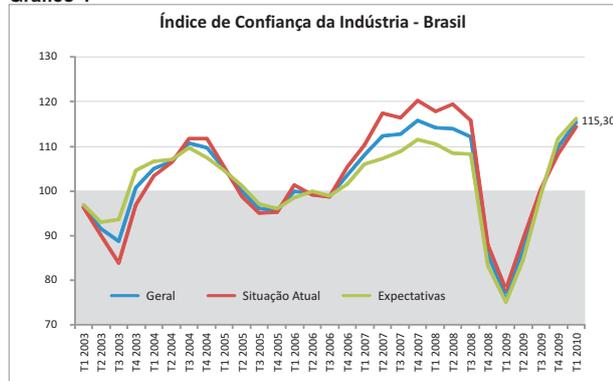
Fonte: FMI.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: Futura e FGV.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: FGV.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou no mês de abril suas previsões de crescimento para o ano de 2010. Além de mais otimistas do que aquelas publicadas em janeiro, as estimativas do FMI apontam para um desempenho econômico global nitidamente superior àquele registrado no ano de 2009. De acordo com o FMI, o quadro de recessão observado no ano passado deve ser revertido em 2010, com a maioria dos países apresentando taxas positivas de crescimento (Gráfico 1). No caso do Brasil, espera-se atualmente um aumento de +5,50% do Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao ano passado, com a estimativa do início desse ano tendo sido revisada para cima em +0,8 pontos percentuais (p.p.). No conjunto dos países mencionados nesta sessão, apenas a Zona do Euro e a China não tiveram suas expectativas de crescimento alteradas, tratando-se da menor e da maior taxa de crescimento esperadas para o período em análise, respectivamente (+1,00% e +10,00%) (Tabela 1). Por outro lado, o cenário ainda será desfavorável para o grupo de países pertencentes ao chamado PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) em 2010, dentre os quais apenas o primeiro apresenta projeção positiva de crescimento para este ano (Gráfico 2).

Também no caso do Relatório de Mercado do Banco Central do Brasil (Bacen), as expectativas para o ano de 2010 se diferenciam em grande medida daquelas construídas para 2009. Em relação à variação do PIB, que no ano passado ficou em -0,24%, a previsão para o ano corrente é de +6,00%, um pouco mais elevada que aquela calculada pelo FMI (+5,50%). Para a produção industrial a diferença é ainda maior: queda de -7,58% em 2009 e aumento de +9,50%, em 2010, um resultado compatível com a natureza mais volátil da indústria em comparação à economia como um todo. Esse padrão de aquecimento da economia também pode ser observado através das taxas esperadas para os índices de preços, que registraram considerável elevação na comparação com o ano passado. Dessa forma, a inflação esperada, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), se encontra acima do centro da meta (5,41%), que é de 4,50% (Tabela 2).

A recuperação da economia tanto nacional quanto estadual após a crise vem impulsionando o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), que vinha atingindo níveis cada vez maiores desde o início do ano passado. A exceção ocorreu apenas no primeiro trimestre desse ano para o País, quando o ICC apresentou leve queda, de 102,40 para 100,69 pontos, tendo sido superado pelo índice de confiança do consumidor local (103,24 pontos) (Gráfico 3).

Comportamento semelhante é observado para o Índice de Confiança da Indústria (ICI) do Brasil. Após registrar um padrão de queda acentuada entre o terceiro trimestre de 2008 e o primeiro trimestre de 2009, o ICI apresentou um notável padrão de recuperação ao longo do ano passado. Além disso, os níveis de confiança que prevaleciam no período anterior à crise já foram alcançados novamente, com exceção apenas do ICI, que avalia a confiança na indústria em relação à situação atual. Entretanto, com base nos resultados obtidos até o presente momento, o otimismo com o futuro da economia do País deve continuar a aumentar nos próximos meses, com a distância do índice em relação à zona de falta de confiança (área cinza) devendo ser mantida (Gráfico 4).

Tabela 1 - Projeção de Crescimento do Produto (Janeiro/2010 e Abril/2010) - FMI

	Previsão em		(II)-(I)
	jan/2010 (I)	abr/2010 (II)	
Mundo	3,90	4,20	0,30
Economias Avançadas	2,10	2,30	0,20
Estados Unidos	2,70	3,10	0,40
Zona do Euro	1,00	1,00	=
Japão	1,70	1,90	0,20
Rússia	3,60	4,00	0,40
China	10,00	10,00	=
Índia	7,70	8,80	1,10
Brasil	4,70	5,50	0,80

Fonte: FMI.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 2 - Expectativas do Mercado - Relatório Focus - Banco Central

Mediana - Agregado	Previsão para 2009 em 31/12/2009	Previsão para 2010 em 23/04/2010
IPCA (%)	4,28	5,41
IGP-DI (%)	-1,32	8,01
IGP-M (%)	-	8,03
IPC-FIPE (%)	3,77	5,50
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	1,74	1,80
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	1,99	1,81
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	-	11,75
Meta Taxa Selic - média do período (% a.a.)	-	10,25
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	44,25	41,00
PIB (% de crescimento)	-0,24	6,00
Produção Industrial (% de crescimento)	-7,58	9,50
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-20,11	-50,00
Balança Comercial (US\$ bilhões)	24,20	12,00
Invest. Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	25,00	38,00
Preços Administrados (%)	4,36	3,60

Fonte: Bacen – Relatório Focus.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos.